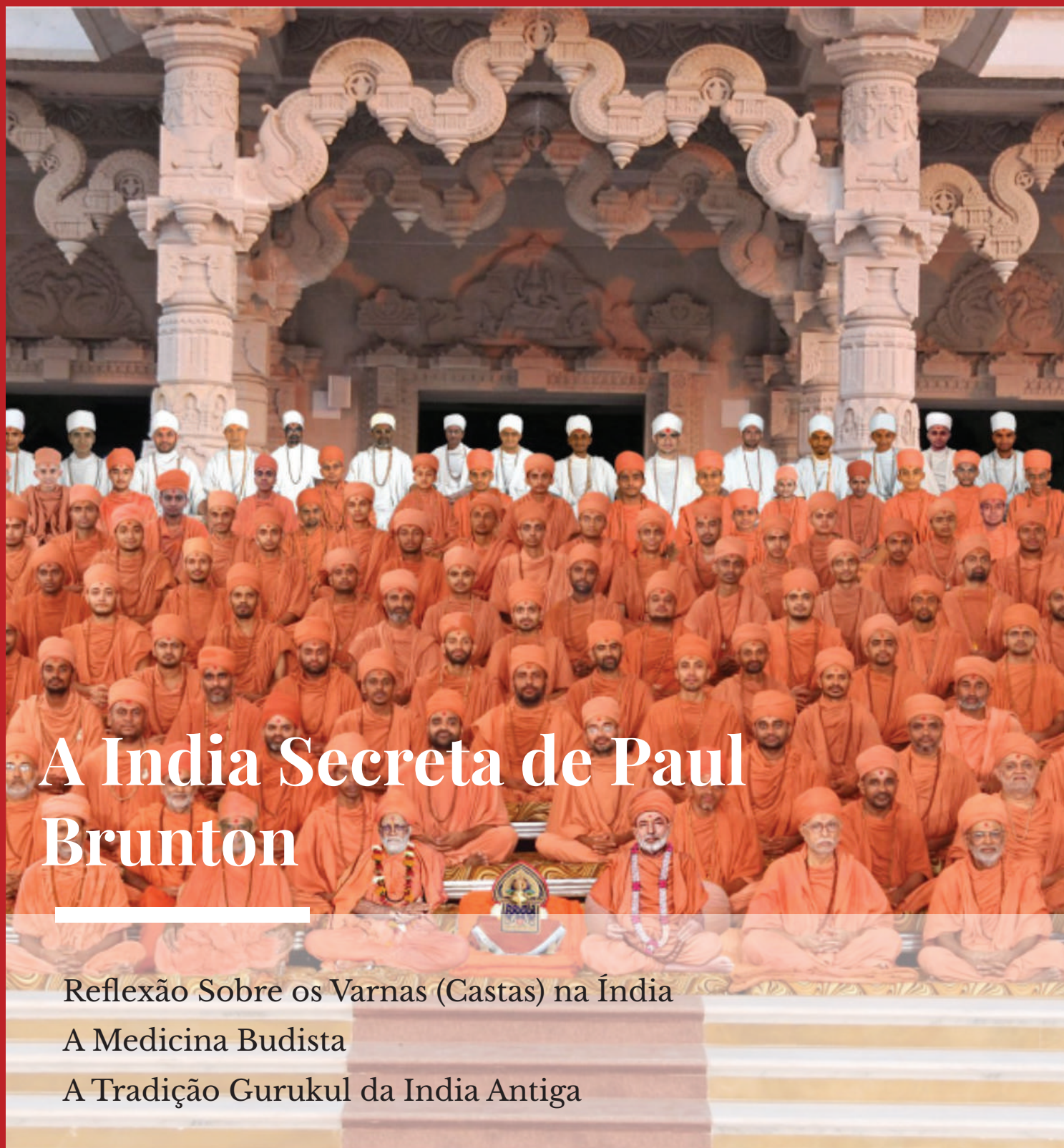


NÚMERO 12 | AGOSTO 2022

revistapandava.pt

pandava

ह इहोहवेतरिह वेह निवेिह



A Índia Secreta de Paul Brunton

Reflexão Sobre os Varnas (Castas) na Índia

A Medicina Budista

A Tradição Gurukul da Índia Antiga

REVISTA DA NOVA ACRÓPOLE

CONTEÚDOS

3 Vipassana: Experiência de Impermanência

Por Manjula Nanavati

7 Comentário ao Capítulo XI do Dhammapada: A Velhice (Jaravaggo ekadasamo)

Por José Ramos

10 A Índia Secreta de Paul Brunton

Por José Carlos Fernández

17 Reflexão Sobre os Varnas (Castas) na Índia

Por Françoise Terseur

23 Karma

Por Mabel Collins

26 A Tradição Gurukul da Índia Antiga

Manjula Nanavati

31 A Medicina Budista

Por Juan Martín

35 Décima Primeira Prática/Discorso

Jaina Sutras, Part II (SBE45),
tr. por Hermann Jacobi, [1895]

38 Seis Koan Zen, E os Seus Ecos No Labirinto

Por Jose Carlos Fernández

42 As Visões que Anunciam um Tirthankara, No Jainismo

Por Pandava



Foto de Nathan Hughes Hamilton para Flickr. Licença Creative Commons Attribution 2.0. Generic Licença

Vipassana: Experiência de Impermanência

Por Manjula Nanavati

Há 25 séculos, no Norte da Índia, um homem desolado pela quantidade e pervasividade do sofrimento humano no mundo, resolveu encontrar uma solução. A sua investigação levou-o a muitos mestres,

conhecimento abundante e uma panóplia de técnicas para investigar a Verdade e a Realidade, até que, finalmente, ao atingir a iluminação, dedicou o resto da sua vida a ensinar as pessoas a saírem da miséria.



Licença Creative Commons

O Buda, que nunca afirmou ser nada além de humano, começou a ensinar, e várias centenas de anos depois, as suas palavras foram compiladas no Dhammapada, ou “aos pés do Dharma”, a Lei Universal da Vida. Ele ensinou que o sofrimento é causado pelo desejo, aversão e ignorância, e que a raiz de todo o sofrimento está dentro de nós. Como muitos sábios, Buda insistia que só se conhecendo a si mesmo era possível confrontar a verdade essencial, para além dos véus do nosso próprio esquecimento.

Um aspeto crucial do ensino de Buda era que a sabedoria recebida de outro era sabedoria emprestada e permanecia dentro do plano intelectual, mas a sabedoria destilada da própria experiência tinha o poder de nos transformar verdadeiramente. Nenhuma conscientização alheia da verdade pode libertar-nos. O que quer que esteja fora de nós permanece à distância. A verdade só pode ser experimentada diretamente dentro de nós mesmos.

Ainda que os ensinamentos do Buda tenham tomado muitas expressões em diferentes tradições em todo o mundo, uma das contribuições inestimáveis para a humanidade, de acordo com o Cânone Pali, foi um método extremamente prático para experimentar a realidade diretamente: uma técnica de meditação antiga chamada de Vipassana Bhavana, ou “entendimento sobre a verdadeira natureza da realidade”. A palavra passana significa “ver”, e vipassana em Pali significa “ver dentro”, “ver através”, ou “ver as coisas como realmente são”.

A Vipassana é a técnica de observar desapaixonadamente as sensações do corpo, mantendo uma calma ou tranquilidade persistentes que resultam numa crescente consciência, em última instância, por penetrar profundamente na consciência da verdade universal.

Por que o Buda escolheu as sensações como o veículo com o qual entrar na mente? Como explicado no Satipatthana Suta, é através das nossas sensações que experimentamos a realidade. Os nossos sentidos são as portas através das quais experimentamos internamente o mundo externo. Além disso, as nossas mentes geram ideias, pensamentos, emoções e memórias que enriquecem e aprofundam a nossa experiência de vida.

As sensações são, então, o ponto onde se encontram os aspetos físicos e mentais de nós mesmos. Observando as nossas sensações físicas, podemos observar as nossas mentes.

As sensações estão presentes em todo o corpo a cada momento. A ciência moderna diz-nos hoje que cada ação ou experiência produz reações bioquímicas dentro do nosso corpo, reações das quais normalmente não temos consciência.

A Vipassana fortalece a nossa consciência o suficiente para experimentarmos até as sensações mais subtis, e percebermos que elas surgem e desaparecem constantemente, originam-se e cessam.

Este é o início do entendimento da IMPERMANÊNCIA. Através da prática diligente aprende-se a não reagir a estas sensações instintivamente. Ao contrário, um praticante aprende a manter a equanimidade através de todas as sensações, grosseiras ou subtis, agradáveis ou desagradáveis.

O Buda ensinou que a mente opera em 4 passos ou processos. A CONSCIÊNCIA ocorre quando a mente entra em contacto com um objeto físico ou mental e recebe um estímulo. PERCEÇÃO é quando a mente reconhece, analisa ou rotula. Com base nisto, é produzida uma EXPERIÊNCIA que, finalmente, culmina numa REAÇÃO. Normalmente, estes processos ocorrem tão rapidamente que desconhecemos os dois processos intermédios. Só reconhecemos o estímulo e a nossa reação.

A Vipassana treina a nossa consciência de modo a permitir-nos separar a nossa mente experimental da sua mente reativa.

Ao manter a serenidade através de todas as experiências, tem-se agora a escolha de exercer uma resposta equilibrada, em vez de uma reação instintiva, condicionada ou emocional. Talvez seja isto que distingue a Vipassana de outras técnicas de meditação. Algumas técnicas usam verbalizações, mantras, cantos ou oração. Algumas técnicas usam visualização, de um arranjo, uma forma ou uma deidade. Muitas destas podem ser eficazes de várias maneiras. Cada uma pode fomentar o centro da mente, focando-a para além do aspeto impermanente ilusivo da vida. Seu objetivo é elevar um para um estado de profunda absorção mental, resultando em leveza ou felicidade, para que se possa sair da experiência restaurado, revitalizado e pronto para enfrentar desafios com vigor renovado. Por muito eficaz que seja, nenhuma destas técnicas por si só oferece uma solução para a angústia.

Treinando a mente através da prática assídua da equanimidade através da dor ou do prazer, a Vipassana oferece as ferramentas para separar a experiência da reação a essa experiência, permitindo que se liberte finalmente das garras viciantes do tormento.

Em teoria, muitas religiões fazem esclarecimentos sobre esta separação. A Gita propaga o desapego aos frutos da ação. A Bíblia pede que “viremos a outra face”. A psicanálise moderna nos pede para “percebermos nossos sentimentos”, tal como os seminários de gestão da ira declaram que devemos “observar” a nossa raiva. A Vipassana oferece uma prática testada no tempo, que ensina sistematicamente como fazê-lo. Quando seguida diligentemente, mesmo que apenas durante os 10 dias de treinamento, permite vislumbres momentâneos, mas inspiradores, de sucesso.

Em todos os momentos das nossas vidas temos sido reativos. Pensamos que estamos a reagir de forma independente. Na realidade, porém, estamos a reagir instintivamente às sensações, e estas reações são produzidas pelo nosso condicionamento passado. Algumas destas reações estão tão enraizadas que somos quase impotentes quando levantam a cabeça.

É no desenvolvimento da consciência e da equanimidade juntas, em igual medida, disse o Buda, que se levará à libertação. A consciência sem equanimidade poderia levar a uma maior sensibilidade à sensação, possibilitando uma reatividade desestabilizadora, enquanto a equanimidade sem consciência poderia resultar em repressão, ocultação ou ignorância residual do sofrimento e das sensações profundas.

Lentamente e diligentemente, à medida que se gradua até ao ponto de não-reação, por mais momentâneo que seja, inicia-se o processo de purificação da mente. Praticando a compostura diante de sensações desagradáveis começa-se a erradicar a aversão. Praticando a tranquilidade face a sensações agradáveis, começa-se a fortalecer-se contra o desejo. Ao se praticar a serenidade perante as sensações neutras, começa-se a eliminar a ignorância. Isto a experimentação da verdade do sofrimento e a verdade da cessação do sofrimento no âmbito do nosso próprio corpo; nossos corpos testemunham a verdade da transição.



Foto de Nathan Hughes Hamilton para Flickr. Licença Creative Commons Attribution 2.0. Generic

Diz-se que as últimas palavras do Buda aos seus discípulos foram: “Todas as coisas criadas estão sujeitas à decomposição. Pratiquem diligentemente para perceberem esta verdade.”

Apenas aprender a técnica da Vipassana não pode conceder serenidade, tal como aprender a técnica de navegar não pode garantir águas calmas. Enquanto houver reflexos condicionados dentro do nosso subconsciente, por muito fortes que seja a nossa determinação, eles, por vezes, dominar-nos-ão. A única solução real é usar esta técnica para nos mudarmos a nós mesmos. Ao mergulharmos escrupulosa e diligentemente ao interior para desenvolver a consciência e a equanimidade ao mais profundo nível, e aplicando esta prática no nosso dia-a-dia, a Vipassana torna-se uma ferramenta para observar a realidade como ela é, não apenas enquanto meditamos, mas em cada momento.

Para um experiente praticante da Vipassana, a percepção inequívoca e tangível da impermanência do mundo, tudo nela e dela, incluindo o que chamamos de Ego, é a chave para a libertação. Só um ser humano tem o poder de compreender esta verdade. Nenhum outro ser vivo no planeta tem as faculdades que permitem este salto. O Buda mostrou-nos que somos, com prática assídua, capazes de alcançar a iluminação. O dom dos seus ensinamentos, os seus sacrifícios, e a sua crença inabalável no potencial humano, tornam imperativo que dêmos alguns passos em direção à nossa própria evolução. Não o fazer seria negar o nosso magnífico potencial como seres humanos, um trágico desperdício de oportunidades não realizadas.



Gautama Buddha em Padmasana. Creative Commons Attribution

Comentário ao Capítulo XI do Dhammapada: A Velhice (Jaravaggo ekadasamo)

Por José Ramos

Muito mais do que ensinamentos sobre a velhice, as palavras de Buda deste capítulo do Dhammapada são um tratado sobre a compreensão do que é o real e do que é a ilusão da nossa existência, bem

como os resultados obtidos na vida em consonância com aquele com que nos identificamos e fazemos as nossas escolhas.

Uma das imagens que Buda nos oferece, quase nos faz rir e simultaneamente chorar ao vermos como retrata os tempos que vivemos de valorização da diversão e do entretenimento:

“Porque rir, porque estar exaltado, quando tudo arde constantemente? Não deverias tu procurar a luz da sabedoria quando estás envolvido pela escuridão da ignorância?”

Pois nos momentos de obscuridade, de ignorância e desnorteio, em vez de procurarmos afincadamente a luz do entendimento, preferimos a fuga da diversão, rir, distrair, não pensar, não querer ver... Em euforia rimos e cantamos como “Neros” loucos a ver arder no fogo da ignorância os edifícios da existência que se reduzem a pó frente aos nossos olhos.

Na inconsciência da ignorância admiramos o perecível, identificando-nos com um corpo, com um ego cuja sua natureza é a de definhir, de desaparecer. Faz-nos falta olhar e entender, como na história de Buda, ainda quando jovem príncipe Siddhartha ao sair do seu palácio, as vicissitudes pelas quais passa o corpo: a doença, a velhice e a morte e cuja identificação com ele nos traz naturalmente o sofrimento. De tanto enfeitamos e bajulamos o nosso corpo, o nosso ego, como se de um rei se tratasse e que, de tanta lisonja e poder que lhe damos sobre a nossa vida, ele torna-se o nosso tirano.

Como todos o sabemos, mesmo quando não o queremos ver, o nosso corpo tem como destino a decrepitude, que mais cedo ou mais tarde não pode responder impetuosamente aos apelos sensuais do mundo, o procuramos querer fazer brilhar através dos mais diversos adornos, disfarçar que estamos vivos através dele e esquecendo o caminho da verdade, como diz Buda: “Ao contrário, a verdade é imortal, pois acompanha aquele que é íntegro”, esta não necessita de qualquer adorno para realçar porque tem o seu brilho próprio e não decresce com os anos mas sim cresce e dá ao ser humano a única dignidade que nunca pode ser retirada.

“O homem de pouco conhecimento espiritual cresce como um touro; a sua carne aumenta, mas a sabedoria não.”

A falta de conhecimento e cultivo espiritual faz-nos perder o discernimento do que é importante e duradouro, desviando o nosso foco para o crescimento material, valorizando o ter e parecer em vez do ser. Quando Buda se refere à “carne que aumenta”, muito provavelmente não o refere apenas num sentido real, mas metafórico de um acumular no plano material, o que nos torna pesados e lentos na vida, pois todo o excesso torna-se um obstáculo à realização do Ser.

“Através de inúmeros nascimentos eu atravessei o ciclo do Samsara, procurando o carpinteiro (gahakaraka) deste tabernáculo, mas em vão. Realmente triste é a repetição cíclica dos nascimentos”

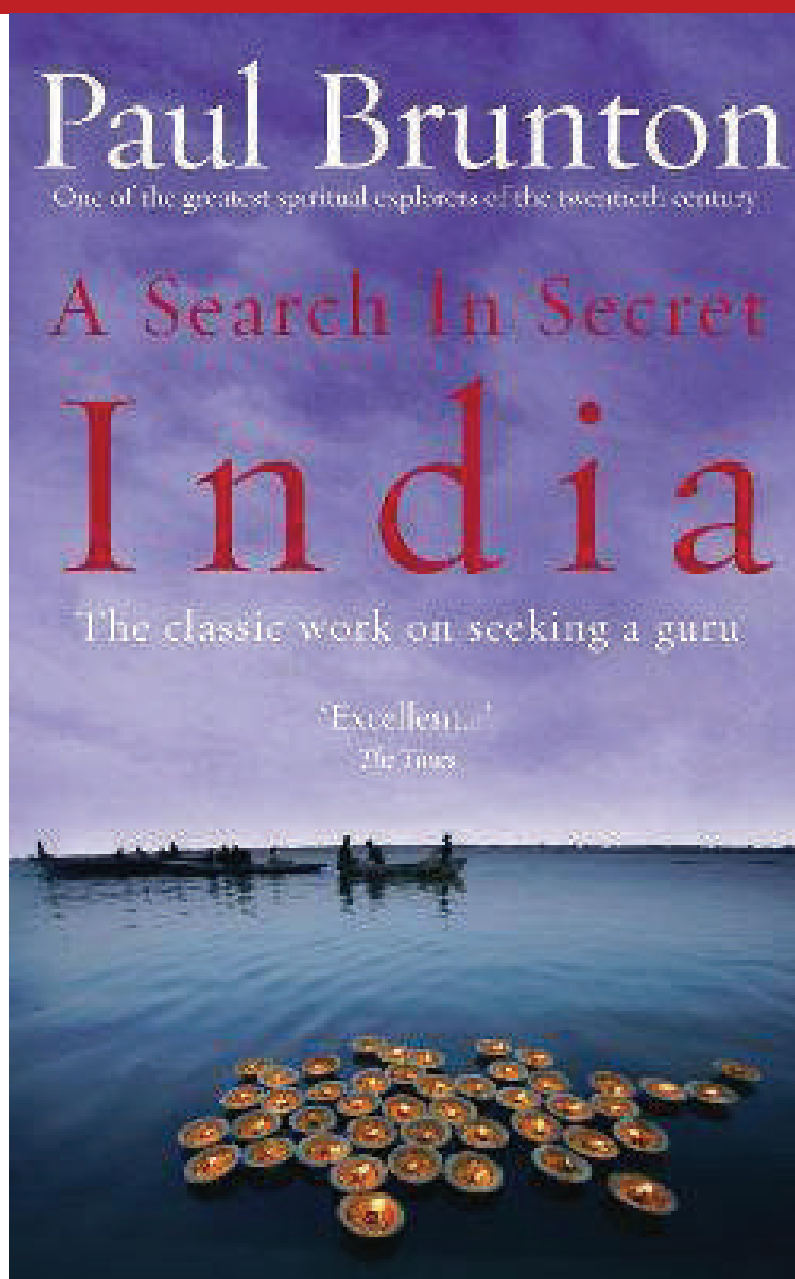
A alma humana vai vagueando através da roda do Samsara, a roda de renascimentos, que é impulsionada pelo desejo e dor gerados da ignorância até que possa descobrir o arquiteto (gahakaraka) que constrói o seu tabernáculo, o seu corpo, descobrir a causa da existência e das encarnações. Esse construtor não se encontra fora de nós, mas dentro de nós mesmos, ele é o Desejo ou Apego (tanha), uma força autocriada pelo nosso ego e pela ignorância limitadora da nossa mente que cria ilusão e desejo. A descoberta do construtor é a descoberta da causa do porquê de voltarmos ciclicamente a viver num novo tabernáculo, num novo corpo. Descobrir esse carpinteiro, construtor do nosso ego, é para Buda o que leva à erradicação do desejo, dessa força que impulsiona à ilusão dos prazeres e das dores, levando ao estado de Arhat, o de perfeita consciência fora do mundo de Maya (ilusão).

“Ó carpinteiro, eu vi-te; tu não construirás a casa outra vez. Todas as vigas estão quebradas; o pilar do meio está deitado abaixo. A mente (citta) chegou à dissolução (Nibbana), tendo atingido a extinção de todas as ambições (tanha).”

As vigas desta casa auto-criada são as corrupções, ou kleshas, os estados mentais que obscurecem a mente e se manifestam em ações prejudiciais. Nas tradições budistas Mahayana e Theravada, os três

kleshas são: *Moha* (ilusão, confusão), *Raga* (ganância, apego sensual) e *Dvesha* (aversão, ódio). Elas são identificadas como a raiz ou fonte de todos os outros *kleshas* como ansiedade, medo, raiva, ciúme, desejo, aflições, emoções destrutivas, emoções perturbadoras, emoções negativas, venenos mentais, etc. Na tradição Mahayana são referidos como os três venenos e na tradição Theravada como as três raízes que são causas de *Taṇhā* (desejo) e como tal a origem de *Dukkha* (sofrimento, dor, insatisfação), raízes da existência samsárica ou ciclo de renascimentos.

O pilar do meio que sustenta todas as outras vigas é o da ignorância (*avijja*), é a causa e raiz de todas as impurezas e imperfeições. A quebra desse mastro da ignorância pela sabedoria resulta na demolição completa de todas as outras vigas, os *kleshas*, que sustentam o tabernáculo indesejado para o ser interior, a sua prisão. Com a destruição das vigas, o carpinteiro ou ego fica privado dos meios para reconstruir a casa, desse modo o Ser alcançará o Incondicional, o Nirvana.



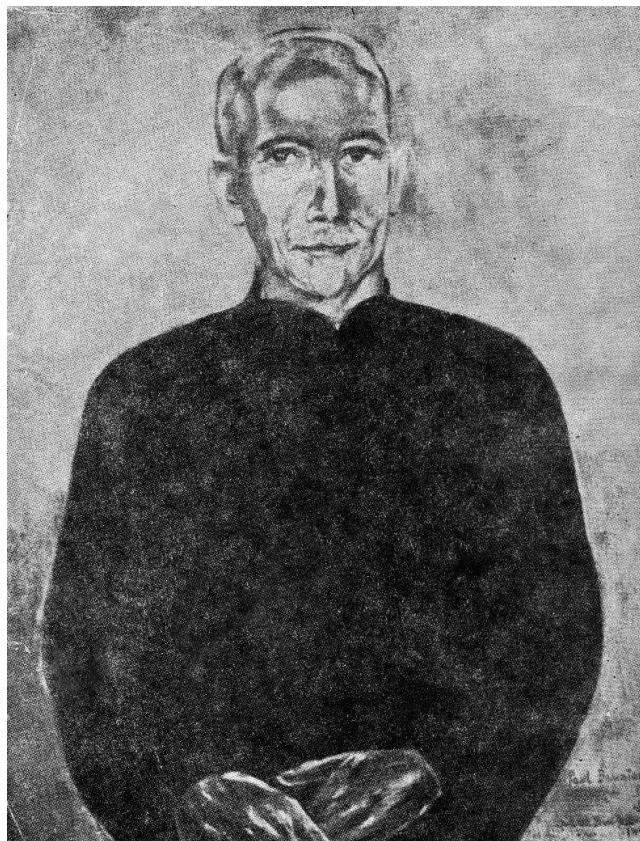
A India Secreta de Paul Brunton

Por José Carlos Fernández

Este é, sem dúvida, um dos livros que abriu as “portas do misterioso Oriente”, criando grande comoção no momento em que foi editado, em 1934, com o título original de *A Search in Secret India*. O estudo em santuários do budismo japonês e junto de Mestres taoistas, e a sua estância numa ermita dos Himalaias, completou este trabalho de divulgação que até esse

momento estava praticamente vedado ao público ocidental. A síntese de todas estas vivências e conhecimento criariam o que podemos chamar de uma doutrina do mentalismo, especialmente com a sua obra *The Wisdom of the Overself*, editado em 1943.

Jornalista de profissão, Paul Brunton (pseudônimo, pois o seu nome é Raphael Hurst), na sua primeira juventude foi teósofo (durante dois anos) e estudou, por isso, a obra de H.P. Blavatsky, que despertaria a sua alma e aspirações místicas, que o vão acompanhar durante toda a sua vida e, mais ainda, já que se converteram no motor da mesma.

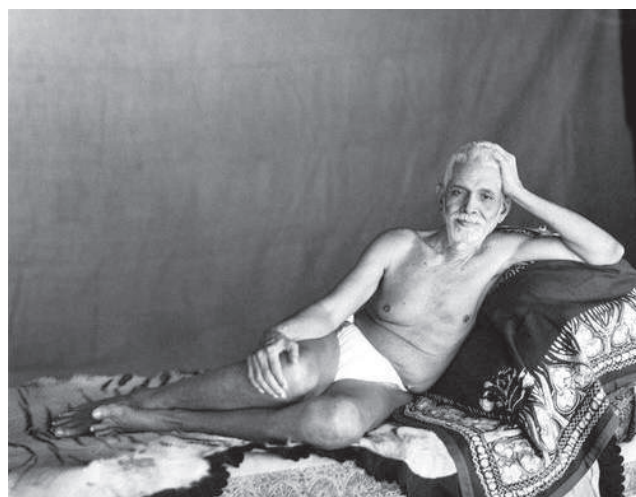


A portrait of Paul Brunton. [Wikimedia Commons](#)

Neste livro, narra a procura de um mestre na Índia e da tradição Yoga vivente e esotérica, depois do encontro com uma personagem hindu numa livraria em Londres, com o qual travou amizade e que tinha sido discípulo de um Rishi (um sábio adepto nos umbrais da condição divina). Esta viagem seria coroada por uma experiência mística e o reconhecimento como Mestre do assombroso yogui Ramana Maharshi, na montanha vermelha de Arunachala, no *ashram* deste sábio “da procura do Eu Oculto”. Vários anos depois seria também instruído pelo pandita Subhramanyam Iler que, na sua juventude, teria sido do círculo íntimo de Annie Besant e por um Maharajá de Mysore, que seria ao mesmo tempo o seu protetor e a quem chama de rei-filósofo.

Paul Brunton não se apresenta como crente das doutrinas Yoga, muito pelo contrário, no entanto, aberto ao que a realidade lhe pode mostrar. As engrenagens da sua mente dissecam tudo o que ouve e o que vê, mas, se é certo o que narra, o nível da sua alma e a sua audácia permitem-lhe encontrar-se com uma sucessão de prodígios e ainda de mestres de verdade ou de mentira que o querem como discípulo ou acólito. A seriedade e pormenor com que trata estes “milagres” e ensinamentos secretos fazem-no continuador, em certo modo, da revelação que vemos na *Isis sem Véu* mais de cinquenta anos antes ou, se queremos, também em Marco Polo no século XIV.

Especialista, cortês e ao mesmo tempo implacável entrevistador, encontra-se com a sua inquebrantável lógica, e dúvidas, frente ao muro de uma lógica ainda mais perfeita e de feitos inequívocos (segundo o próprio descreve). Dos seus encontros com estes filósofos, taumaturgos e yoguis¹, batendo o martelo do ceticismo e empirismo ocidental e, apesar de um conhecimento e experiências milenares, saltam chispas de sabedoria que constituem um verdadeiro tesouro. Certamente, o seu livro é uma obra notável e não é de estranhar que se tenha convertido num clássico do seu género.



Sri Ramana Maharshi - Lying - G. G. Welling - 1948.
[Commons Wikipedia](#).

Como a vontade silenciosa de Ramana Maharshi vai chamando a do seu discípulo e fazendo com que a sua mente se torne cada vez mais pura e, tudo

¹ E, também, como vemos, de alucinados e “encantadores de serpentes”.

descrito por uma pena mestra de viajante inglês, é um claro exemplo de aquilo que logo ele próprio vai chamar de “A Senda Secreta”, enchendo-nos a alma de alegria. Na *Voz do Silêncio* declara-se “Ajuda a Natureza e trabalha com ela” e a “natureza” também é a alma do discípulo que se abre como um lótus à luz, depois de superada a lama do sensual, e crescido firme no meio das correntes de água do psiquismo inferior.

Depois da viagem à Índia que converteu em livro, voltaria a Aryavarta e à montanha de Arunachala junto do seu Mestre várias vezes mais e ainda depois de o próprio falecer, mas o recinto antes sagrado parecia-lhe agora sem vida, opaco, como declara com tristeza no prólogo de uma tardia edição da sua obra “Mensagem de Arunachala”:

“Muito depois de ter escrito este livro, viajei novamente ao teu país. Mas, ai! Tu já não estavas ali. Essa grande transição de um mundo de existência a outro, que os homens chamam de morte, havia-te levado como leva todos os seres humanos.

Isso já era suficientemente doloroso, mas não terminava aí, pois comprovei que com a tua partida, a colina Arunachala tinha perdido tanto da sua antiga atmosfera sagrada que pouca magia restaria à sua aura.

Tinha-se convertido numa como tantas colinas que já tinha visitado. Então recolhi a lição de que é o homem e a sua mente o que confere santidade a um lugar e não o lugar que santifica o homem.

Nunca me abandonará a recordação do teu bondoso espírito.”

Quem sabe se o escreveu levado pelo desânimo, devido à ausência física do seu Mestre, pois a vida e a mente, e a vontade irradiada de um santo impregnam com a sua magia um lugar.

Annie Cahn Fung, na sua obra *Paul Brunton: un pont entre l'Inde et l'Occident*, faz uma curiosa reflexão ao comparar este filósofo Paul Brunton e os seus ensinamentos com os de Gandhi e Krishnamurti. Diz que este último fez tábua rasa com todo o

passado e todos os ensinamentos de um modo contra-natura, ou melhor, contra toda a forma de herança cultural e conquista da civilização. No final, como na heresia alucinada de Akhenatón, ele seria o único mediador entre a alma humana e os deuses, ou a Verdade, pois criticando ferozmente toda a forma de conhecimento legada pelos sábios do passado, ele insiste – apesar de não o dizer exatamente assim, claro – que sigam os seus únicos ensinamentos porque ele sabe, ele vê, ele chegou. E contagiados por esta embriaguez de exclusividade, os seus seguidores (que jamais aceitaram o nome de discípulos), não fazem mais que repetir eu..., e eu..., e eu..., e desta prisão de cego egoísmo não sairão, se o banho do real não os faz sentir-se novamente parte de um todo.

Por outro lado, Gandhi, mais além do mito, não deixa de ser um paradoxo... do seu sonhado neolítico. Pois a esta época queria fazer regressar toda a Índia. O seu sonho era o de uma Índia *sannyasis*, mas não porque houvesse *sannyasis* legítimos que a enobressem, mas porque todos os habitantes da mesma deveriam ser *nolis volendi*, renunciantes... à civilização. Segundo ele, em vez da roda que ocupa o coração da bandeira da Índia, a roda de Ashoka ou do Dharma, no seu lugar estaria a roda de fiar e não existiriam nem hospitais, nem eletricidade, nem tecnologia de nenhum tipo e assim com esse projeto económico e de vida... que todos jejuassem, à força, o que ele jejuava como protesto e ostentosa prova de autodomínio.

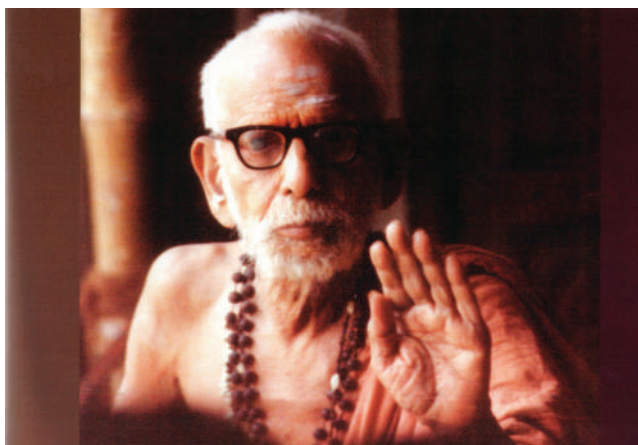
Ou seja, se Krishnamurti negava a validade de todo o passado, Gandhi negada a validade de todo o presente e futuro.

Como diz esta autora já mencionada, Paul Brunton, místico, mas ao mesmo tempo sensato e filho do seu tempo, procura o melhor do Oriente e o melhor do Ocidente, o melhor do passado e do presente, descobrindo um futuro transitado sem egoísmo e em concordância com o melhor da natureza humana. E, desde logo, não renegando as legítimas conquistas do ser humano para facilitar a vida neste “vale de lágrimas” que podemos converter se governados por sábios, num jardim ou paraíso terreno.

Porque temos de afastar aquilo que nos ajuda a avançar no caminho externo e interno e que a nada nem a ninguém violenta.

Voltando ao livro de Paul Brunton, o que nele mais surpreende é o desfile de assombrosas personagens nas suas páginas. Primeiro, o seu próprio amigo que o animou a viajar à Índia. Logo um mago egípcio, um pouco sinistro, que coloca as suas ciências secretas e poderes ao serviço de quem pague e que com a ajuda de génios ou elementais a seu serviço faz prodígios (que, sem os ver, custa realmente a acreditar neles). Depois, um alucinado – segundo Paul Brunton – que se proclama a si mesmo, sem nenhum tipo de pudor, o novo avatara, um tal Meher Baba que tantos admiradores despertaria em Hollywood e a quem tão bem retrata e cala, colocando os “pontos nos is”.

Outro, um jovem praticante de Hatha Yoga (que ele chama de “controle do corpo” no livro) com ele trava amizade e é capaz de deter à vontade os latidos do seu coração e a necessidade de respirar². Expõe os terríveis perigos desta disciplina se não é guiada por um verdadeiro Mestre (salvo nos exercícios realmente básicos que são uma forma de ginástica) especialmente os exercícios respiratórios.



Bênção Mahaperiyava com abahya mudra. Wikimedia Commons

Outra das personagens notáveis é Shankaracharya

² Se isto faz o discípulo, um verdadeiro Mestre deve fazer isto facilmente, entre outros muitos poderes, como levitar, deixar o corpo à vontade para levar o duplo astral onde quer, telepatia perfeita com os seus discípulos, ler à vontade nos “arquivos passados” da natureza, etc., etc.

de Kanchipuram, o 66º sucessor de Shankaracharya, também chamado de “o sábio de Kanchi”, cabeça espiritual da Índia do Sul e de quem destaca a sua grandeza espiritual, a sua abertura de mente e humildade. Tão impressionado fica com a sua bondade que quer converter-se em seu discípulo, ao que o sábio responde honestamente:

“Estou à cabeça de uma instituição de ordem geral e o tempo não me pertence, o meu cargo absorve-o quase por completo; durante anos dormi apenas três horas por dia; nestas condições como poderei aceitar mais discípulos? Procura um Mestre que te possa consagrar o seu tempo”. (Pág. 121)

À pergunta de se pode recomendar um homem realmente santo e sábio, responde que conhece dois, um quase secreto e outro, que é, precisamente, Ramana Maharshi.

Outra das personagens que o comovem é Mahayana, humilde ancião que foi discípulo de Ramakrishna e por cujas recordações lhe pergunta Paul Brunton. Fica cativado por este sábio, que mais do que hindu parece um patriarca bíblico.



Ramakrishna Paramahansa

“Durante algum tempo compareci todas as noites, não tanto para o ouvir, mas para sentir o efeito da sua presença, acalentando o coração e a mente. É o ar do amor e de infinita doçura, impregnado da espiritual beleza interior, cujas irradiações são quase palpáveis. Se às vezes esqueço as suas palavras, guardo como um tesouro a sua influência apaziguadora. O que me atraiu a Ramakrishna hoje prende-me a Mahasaya. Qual terá sido, então, a influência do Mestre se a do discípulo exerce uma fascinação tão irresistível?”³.

Narra depois toda uma série de experiências científicas que se fizeram na universidade de Calcutá, de um yogui que era capaz de, entrando em êxtase, ser protegido contra todo o tipo de veneno ingerido, incluindo ácido sulfúrico.

Outro demonstra certas propriedades dos raios solares que devidamente isolados podem ter efeitos prodigiosos como os de embeber determinados perfumes numa tela, por exemplo. Uma Ciência Solar que não requer nenhuma força de vontade nem prática especial, mas como a da eletricidade e o magnetismo, saber as suas leis, até agora secretas.

Outro dos capítulos mais impressionantes é o seu encontro com um astrólogo, com quem aprende uma doutrina chamada Brahma Chinta, de origem tibetana. Quando o ascético pergunta como podem os planetas exercer a sua ação à distância, responde-lhe “Não fará por acaso isso a Lua com as marés?” e explica-lhe que a astrologia não pode ser compreendida nem aceite sem a doutrina do karma.

“Considera as estrelas simplesmente como sinais do céu; desta forma, não são elas que nos influenciam, mas sim o nosso próprio passado. Jamais compreenderás a astrologia enquanto não acreditares na sua doutrina, cujos ensinamentos revelam que o homem nasce e renasce e que o seu destino o segue de um nascimento ao outro. Se escapa das consequências de uma má ação, durante uma das vidas, tem de pagar na próxima reencarnação e se não recebe a recompensa

das suas boas ações nesta vida, sem dúvida que o fará na próxima. Sem esta doutrina do retorno contínuo da alma humana à terra até alcançar a perfeição, a sorte dos homens, mudando continuamente, parecerá sempre como o efeito de um capricho ou de um azar cego. As boas ou más ações na sua experiência anterior farão o equivalente nesta vida ou nas

futuras. Isto é exatamente o que entendemos como destino.”⁴

E é realmente interessante o que profetiza como astrólogo (recordemos que o faz em 1930 aproximadamente):

“Assim como a noite segue igual ao dia e o dia segue igual à noite, assim é a história das nações. Grandes mudanças vão acontecer em todo o mundo. A Índia que caiu num estado de profundo torpor e apatia, não se levantará senão no dia em que despertem as suas antigas aspirações, o que é sempre a vanguarda de todo o renascimento. O materialismo que devora a Europa levantou uma onda de atividade febril que acabará por diminuir naturalmente, antes ou depois, dando lugar a um ideal mais nobre; a Europa voltará a buscar os valores espirituais e a América acompanhá-la-á. Os nossos ensinamentos e as doutrinas filosóficas penetrarão no Ocidente e a Índia voltará a ser o guia espiritual da Humanidade. Os vossos eruditos já traduziram alguns dos nossos manuscritos e livros sagrados, no entanto, inumeráveis textos antigos dormem ainda nas cavernas da Índia, Nepal e Tibete; quando a hora chegar, estes também serão revelados ao mundo. Tempos virão em que a mais antiga filosofia do Oriente se fundirá com a ciência utilitária do Ocidente e o mistério do passado deixará de ser, desta forma, um segredo para um novo século.”⁵

Outro dos capítulos interessantes é a descrição da cidade e comunidade religiosa de Dayalbabagh e a forte presença e capacidade organizativa de Marajá

3 Pág. 172.

4 Pág. 196.

5 Pág. 207.

Sahabji, tão místico como prático, uma raridade. Apresenta um modelo de cidade ideal à maneira da República de Platão, livro que mais que o inspirar haveria confirmado muitas das suas eleições e diretrizes segundo ele próprio diz. Apresenta a figura de um rei-mestre à maneira clássica e uma cidade organizada fora dos parâmetros do liberalismo económico em que a única coisa que importa é a procura do lucro que leva à exploração humana – e do socialismo e comunismo da época que esvazia e mata o indivíduo e por isso tanto presente e futuro, como vimos no século XX. As práticas religiosas desta comunidade são uma forma de Shabda Yoga (o do Som) e ensinamentos místicos herdados de Kabir. É de interesse a explicação do Marajá.

Paul Brunton diz:

“Os livros que estudei dizem, de facto, que o som é uma força criadora que chamou à existência o universo”

O Marajá responde:

“Materialmente falando a sua interpretação é correta. No entanto, é melhor dizer que o som foi a primeira manifestação da obra do Ser Supremo na criação do mundo. O universo não é o resultado de forças cegas. Esse Som divino é conhecido pela nossa Fraternidade e pode ser transcrito foneticamente. Nós cremos que os sons são sinais da fonte que os emitiu e da força original que os criou. Por isso, se um dos nossos adeptos presta atenção ao som divino que está dentro dele – com o corpo, a vontade e a mente controlados – no momento em que ele o percebe adquire conhecimento do Ser e alcança a felicidade (...) O som condensa em si propriedades da região em que foi emitido. Por conseguinte, concentrando de uma certa maneira toda a sua atenção, pode-se um dia chegar a ouvir este verbo místico que representa o verdadeiro nome do Criador, emitido desde aqueles tempos primitivos, tempos em que se criaram os mundos desse caos primitivo”.⁶

Que surpresa teria Paul Brunton quando foi descoberto em 1964 no físico este Eco da Criação, ou esta Voz Primordial que chamamos hoje Fundo Cósmico de Microondas e é a chave do modelo cosmológico do Big Bang, seja este último certo ou não.

De qualquer forma, os mais belos capítulos do livro são os que narram a sua estadia em Arunapala junto ao seu Mestre e que descrevem todas as suas lutas internas e como pouco a pouco se vai abrindo a luz na sua mente e a paz no seu coração. A vida de Ramana Maharshi é assombrosa e está bem documentada. O sábio guia-o na sua indagação sobre a natureza do Eu profundo, mais Além dos labirintos do seu intelecto, mas como o próprio Paul Brunton diz, a mudança que nele se opera é mais causada pela forte presença e bondade deste Mestre vedantino, pela beleza do lugar, pela serena contemplação das paisagens e o silêncio em redor e pelas conversas com outros yoguis e estudantes, discípulos de Ramana Maharshi.

Contemplando-o, nos entardeceres, as horas de meditação conjunta, diz:

“Nestas horas que valorizo até que ponto os silêncios de um homem de tal envergadura são profundos em significado e muito mais eloquentes que as próprias palavras. O seu equilíbrio inalterável oculta um dinamismo de tal força que afeta as pessoas presentes, sem necessidade de recorrer a palavras ou a atos. Há horas em que sinto tão intensamente o poder dessa força que se ele me desse uma ordem tenho a certeza que cegamente lhe obedeceria sem objetar. No entanto, o Maharshi é, em certo modo, o último homem que exigiria dos seus discípulos uma obediência servil; deixa a cada um a maior liberdade de ação, o que difere muito da maioria dos Mestres de Yoga que encontrei nas Índias.”⁷

⁶ Pág. 227.

⁷ Pág. 272.

Descreve da mesma forma o essencial dos ensinamentos do mesmo:

“Faça-se esta pergunta sem nenhuma trégua: quem sou? Analise o seu eu até ao seu próprio núcleo, intente seguir o seu pensamento até onde começa a raiz do eu mantendo nele a sua atenção interna. Chegará o dia em que os pensamentos caóticos que, como uma roda, giram incessantemente acabarão parando levando-o a um ponto em que a intuição direta surge espontaneamente desde as profundidades do seu ser; continue a segui-la, abandone todo o pensamento, entregue-se. Se tem êxito alcançara a nossa meta suprema.”⁸

Realizando este trabalho perseverantemente junto do seu Mestre, numa das suas meditações alcançou essa paz e inspiração extática que logo, quando regressou à mente quotidiana e ao uso da palavra cristalizou numa série de belos ensinamentos (dos quais escolhi dois fragmentos) tão atuais e que fecham este artigo:

“Tentemos assim trazer à memória algumas gotas da fonte do mundo inexplorado que se estende mais além das fronteiras do espírito. O ser humano não se sentirá seguro se não é protegido por pensamentos sublimes. Enquanto encontrar prazer nas trevas, obstinando-se em não aceitar a luz, os seus mais engenhosos descobrimentos o afundarão no abismo; cada vez mais profunda será a noite, quanto maior seja o apego às coisas da matéria que um dia deverá deixar e que não fazem mais do que criar obstáculos ao ser humano que está vinculado, de maneira indissolúvel, ao seu passado divino! Ele é, respira e atua em presença do seu íntimo ser, presença que não pode negar! Que entregue incondicionalmente, todos os seus pensamentos, alegrias e dores a esta melhor parcela de si mesmo, que quer viver em paz e morrer com dignidade.”⁹

(...)

“Seja quem seja, uma vez que se contemplou no espelho do seu interior, despojar-se-á de todo o ódio para com os seus semelhantes; não há pecado pior que o ódio, não há maior desgraça que o sangue derramado pela guerra que encharca léguas e mais léguas de terra, não há castigo mais seguro que aquele que golpeará os que provocam a destruição no mundo; que ninguém tenha esperança de escapar ao olhar dos deuses, testemunhos ocultos e mudos dos crimes humanos. Os gemidos dos povos ressoam no mundo enquanto a paz estende os seus braços; os seres humanos destroçados pela dor, torturados pela dúvida, buscam, apalpando às cegas o caminho da obscuridade, enquanto que a luz sublime está aqui para iluminá-los, mas eles não a vêem. O ódio não desaparecerá da superfície da terra enquanto o homem não tenha aprendido a olhar a face dos seus irmãos, não há luz do dia que ilumina com indiferença a todas as criaturas, mas transfigurados pela luz interior que é o reflexo divino e enquanto ele não os fixe com o respeito a que tem direito o ser em cujo coração habita um elemento da mesma essência daquele Poder chamado Deus.”¹⁰

8 pág. 273.

9 Pág. 287.

10 Pág. 288.



Brahma, o deus da Criação, de quatro caras. Wikipedia Creative Commons.

Reflexão Sobre Os Varnas (Castas) na Índia

Por Françoise Terseur

“Não há nada de nobre em ser-se superior aos outros homens, porque a verdadeira nobreza é ser-se superior ao seu antigo eu”

Proverbio antigo da Índia

«A palavra “casta” não é um termo indiano, mas uma palavra derivada do português “casta”, que significa “espécie”, “raça” ou “pura”, “não misturada”. Esta tem sido utilizada pelos ocidentais desde a chegada dos colonos portugueses à Índia, no século XVI. Os hindus, por outro lado, usam as palavras *varna* e *jati*, que cobrem duas realidades diferentes.

Varna, que significa “cor” ou “qualidade”, refere-se a um sistema hierárquico herdado da sociedade Védica (1500 a 600 a.C.). Existem quatro *varnas*, hierarquicamente ordenados de acordo com um princípio de pureza ritual, onde cada um corresponde a uma parte do Ser Primordial, PURUSHA. Os brâmanes, sábios, sacerdotes e professores, vêm da boca de Purusha e são os mais “puros”; os *kshatriyas*, os governantes e guerreiros, vêm dos seus braços; a superioridade dos dois primeiros *varnas* é justificada pela sua localização acima do umbigo de Purusha. Os *vaishyas*, os agricultores e comerciantes, das suas coxas. O quarto *varnas* vêm dos pés do Ser Primordial: são os *shudras*, os trabalhadores e os operários agrícolas, que servem as três classes superiores. Finalmente, diz-se que os “párias”, os intocáveis, hoje mais conhecidos como *dalits* (“oprimidos”), nascem da terra.

O *jati* (“nascimento”), é um grupo socioprofissional ao qual cada hindu pertence, geralmente por causa da profissão dos seus pais. Haveria cerca de 4.600 *jatis* na Índia, cujos nomes variam de acordo com as regiões. Estes estruturam as relações sociais quotidianas, com base em princípios de endogamia e hierarquia.»¹

Os Quatro Varnas

“Cada ser humano é nobre quando está no seu justo lugar, mas o dever de um não é o dever do outro”

Swami Vivekananda

A função social e os deveres (*Svadharmas*) associados a cada um dos quatro *varnas* apresentam-se divididos em correspondência com a natureza (*svabhava*) específica de cada ser humano. Assim, os deveres de cada *varna* são aquilo que cada ser humano deve restituir ao Dharma (a Lei Cósmica), para garantir e contribuir para o equilíbrio e harmonia universais. Em sânscrito, Dharma deriva da raiz “Dham”, que significa “manter” ou “apoiar”.

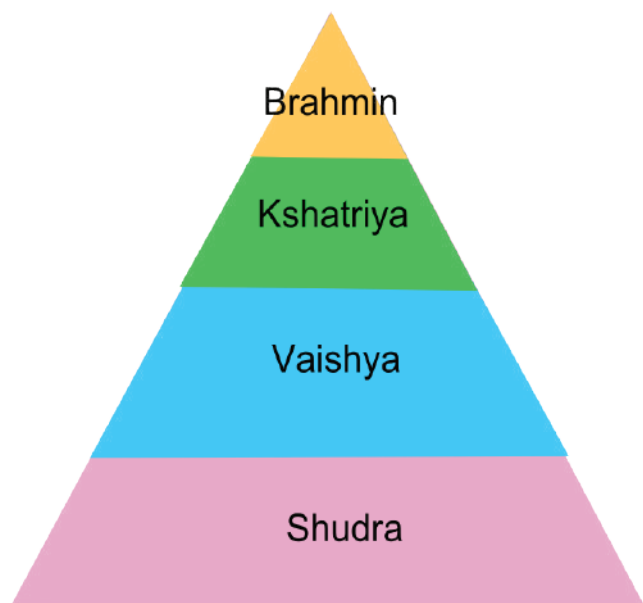
No hinduísmo, segundo as Leis de Manu (dos Pais da humanidade), o Dharma é uma das quatro partes do Purushartha, sendo elas: Artha (valores económicos), Kama (prazer), Dharma (retidão) e Moksha (libertação). O Dharma, ou Lei cósmica, expressa o propósito da vida bem como os comportamentos que estão de acordo com o Rta, a ordem, o Logos que permite a expressão da vida em todos os seus planos de manifestação. Segundo a teoria da reencarnação, o Dharma reflete-se na ordem social da comunidade humana, através de uma hierarquia natural sustentada pela conduta moral, resultado da evolução do ego e da sua herança *kármica*, sendo o *karma* a soma de resultados positivos ou negativos de ações anteriores que condicionam o nascimento em determinado Varna. Assim, cada Varna é a atualização e continuidade, no presente, de um estado evolutivo da alma humana, alcançado durante uma sucessão de vidas passadas. É provável que, na sua origem, esta ordem natural dos Varnas não tivesse um pressuposto hereditário, mas que correspondesse antes ao ajustamento natural da Lei da evolução da consciência humana em contacto com o mundo material.

“O karma é a afirmação eterna da liberdade humana... Os nossos pensamentos, palavras e ações são as cordas do fio que lançamos à nossa volta.”

Swami Vivekananda

¹ Mathilde Loire (*Le système des castes en Inde en 10 points*).

A Pirâmide – Modelo da Evolução



Pirâmide de sistema de castas na Índia. Wikimedia Commons

O papel desempenhado pelos **Bramanes** é o de manter a ligação entre o Divino e o humano. A sua função é de ordem espiritual e intelectual, e deve servir a Verdade. Associam-lhe as virtudes de **serenidade, autocontrole, ascetismo, pureza, paciência, conhecimento, discernimento e fé**.

O papel desempenhado pelos **Kshatriyas** é o de governar, desempenhando um papel judicial e militar, e deve possuir as virtudes do **valor, glória, constância, habilidade, coragem, fortaleza e lealdade**.

O papel desempenhado pelos **Vaishyas** está associado à economia, indústria, agricultura, comércio e finanças. Deve possuir as virtudes da **temperança, honestidade, equanimidade e criatividade**.

A função do **shudra** é a de desempenhar os trabalhos necessários para assegurar a sustentabilidade material da coletividade, devendo possuir as virtudes de **dedicação, obediência, esforço e serviço**.

As castas da Índia exprimem de forma muito sintética os quatro graus de aspiração da alma humana encarnada num corpo de matéria, quatro estados de consciência, quatro patamares de

necessidades existenciais alicerçados em quatro planos de realizações da pirâmide evolutiva humana. Da base até ao topo, encontramos quatro tipos de necessidades e de aspirações, também elas associadas aos quatro elementos: Terra (físico); Água (energia); Ar (emocional); Fogo (mental).

O homem que identifica a sua consciência no elemento Terra (Shudras), representa a primeira etapa, a base da pirâmide, e manifesta-se através da necessidade de se fixar, de nutrir as necessidades básicas, acomodar-se, encontrar bem-estar e saciedade do eu na segurança do mundo material. Nele predomina o instinto sobre a razão, de natureza passiva e dócil como a argila (ilus) húmida que serve de base à construção das formas. A sua falta de vontade própria, autodisciplina e discernimento tornam-no vulnerável à ilusão e à sedução das forças exteriores que o utilizam como matéria-prima para sustentar o seu poder.

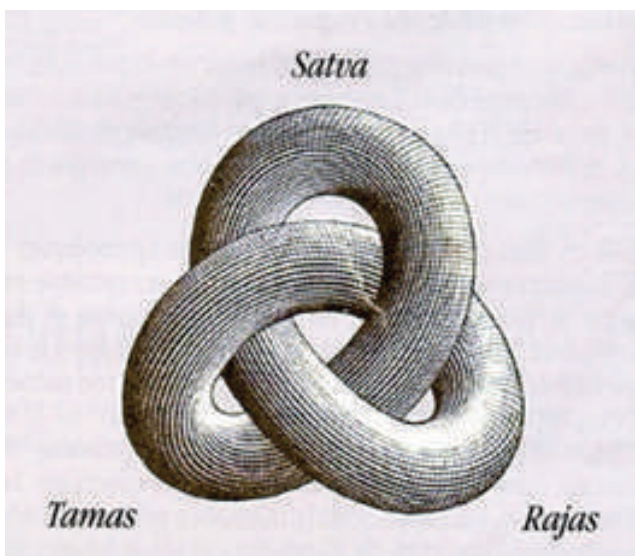
A natureza dos Shudras, que busca o bem-estar, necessita de ser trabalhada, educada e orientada para não se corromper e poder servir o bem comum.

O homem que atingiu a consciência do elemento Água (Vaishyas), está relacionado com o princípio de vitalidade, diferenciação e expansão. Como o sangue que anima e circula pelo corpo, a consciência do Vaishya deseja expandir-se e diferenciar-se através da criação de uma identidade, de um nome, de uma forma que sobressai do anonimato, buscando o brilho pessoal, o prestígio, e que é movido pela ambição de riquezas. Aqui, a consciência expande-se e goza da plena liberdade de conquista e prestígio. A natureza Vaishya necessita de normas morais que controlem a sua tendência egoísta de benefícios e privilégios para não prejudicar o equilíbrio da justa restituição dos bens e favorecer meios de existência justos para a coletividade.

O homem que atingiu a consciência do elemento Ar (Kshatriyas), esta relacionado com a compreensão e emancipação progressiva dos condicionalismos produzidos pela lei de restituição karmica, base da sustentação do equilíbrio dos mundos manifestados. O homem de natureza Kshatriya aprende a controlar as paixões egoístas da sua natureza inferior através

do poder da vontade e da disciplina mental. O seu progressivo desinteresse e despreendimento pelas conquistas de ordem material permitem-lhe desenvolver uma consciência que aspira a elevar-se em busca de Ideais humanitários e transcendentais. Os conflitos, entre as necessidades da alma que se quer libertar e as necessidades do corpo que a limita e a desvia da sua autodisciplina, obrigam-no a ser sentinela dos seus próprios inimigos interiores. Aqui, a consciência iluminada pelos mais nobres ideais de justiça, amor e serviço mostram-se disponíveis para proteger e defender os interesses da comunidade.

O quarto e último varna, o dos Bramanes, representa a consciência que se eleva e que está associada ao elemento Fogo. Aqui, a consciência está livre de identificação e consumiu as sombras da superatividade, pode então irradiar como o sol em todas as direções. Através da dissolução das resistências passionais do eu pessoal, da purificação do egoísmo que exclui o outro, a mente esclarecida pode dedicar-se a instruir e orientar a comunidade, a respeitar e a viver a essência do Dharma. Aqui, a consciência busca o seu Eu verdadeiro, o Ser eterno que perdura em cada expressão da Vida Uma.



Em concordância com a filosofia do yoga, o universo pode ser apreendido através de duas dimensões: a matéria, ou substância primordial, Prakriti (Maya, matriz ou Ilusão) e Purusha, a Essência, o Espírito

(Realidade). De acordo com esta filosofia, tudo o que é modificável, que não é infinito, faz parte da natureza transitória do mundo material. Purusha, por outro lado, é a única realidade, é o único princípio imutável do universo: o SER, o UNO. O mundo ilusório dos fenómenos, manifesta-se através de três qualidades ou os três gunas. Estas três qualidades estão presentes em toda a energia da vida em diferentes graus e combinação. Os três Gunas são: Sattva (equilíbrio, pureza), Rajas (atividade) e Tamas (passividade, ignorância, escuridão). Apenas Purusha, o Espírito, é eterno, enquanto Prakriti, a matéria, está sujeita a sofrer transformações constantes, produzindo uma variedade de fenómenos temporais e ilusórios que resultam da influência dos Gunas. A dificuldade do ser humano reside na possibilidade de distinguir entre o real e o irreal. Esse é o objetivo final do Yoga: ver além da ilusão, ver a realidade.

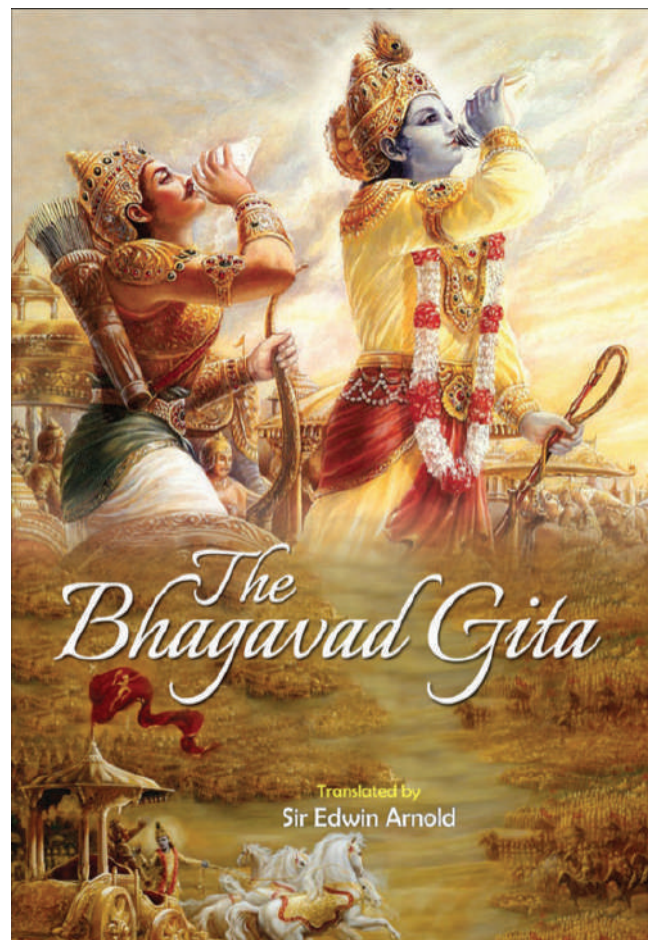
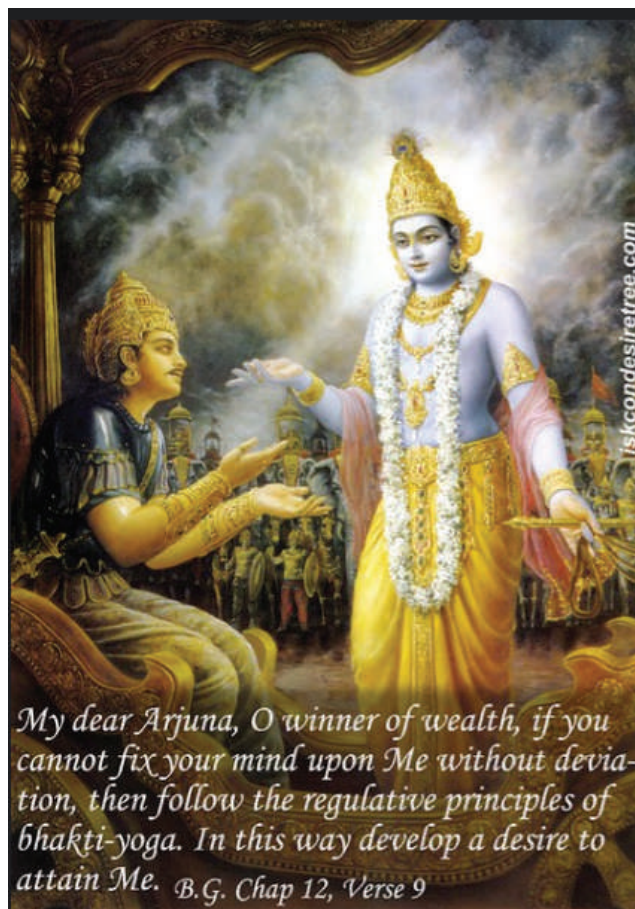


Foto de General Press em Flickr.
Licença Creative Commons Attribution 2.0. Generic.

A Bhagavadgita, trecho épico extraído do Mahabharata, fala-nos da história do mundo, da sua vasta complexidade, da trama de desejos, pensamentos e ações, onde Krishna é o guia espiritual do jovem discípulo Kshatriya, Arjuna. Krishna representa Ishvara, o Logos, o Coração Luminoso do mundo. Como avatar ou mensageiro divino, ele é também o reflexo do nosso Eu superior, essência do ser imortal que está omnipresente em cada ser humano. A luz da verdade resplandece no Universo, mas o ser humano está cego e surdo, pois é difícil ver o caminho no meio do ruído, da agitação e do medo. A dúvida é o inimigo fatal da ação, por isso no início da Bhagavadgita, Arjuna representa a mente dominada por tamas, a ignorância e os falsos argumentos que ainda não lhe permitem discernir o propósito da ação reta, querendo fugir da ação, pois a dúvida paralisa a alma. A Gita é um magnífico tratado de Karmayoga, ou seja, o Yoga que ensina a arte de manejar os Gunas e alcançar Sattva, o perfeito equilíbrio entre o pensamento e a ação. Arjuna, modelo ideal da natureza Kshatriya, representa aquele que escuta a voz do seu Mestre interior (Krishna) e apreende a disciplinar-se, a dominar as suas paixões, medos e dúvidas, devendo agir por dever em respeito e obediência à Justiça, com um amor livre de qualquer interesse egoísta e guiado pelo reto discernimento. Enquanto Sattva representa a justa harmonização dos Gunas, o equilíbrio perfeito, Rajas e Tamas possuem os aspetos superior e inferior. Rajas, no seu movimento superior (sattvico), representa o esforço justo, a coragem e a ação libertadora, no seu movimento inferior represente a avidez a conquista movida por desejos egoístas. Tamas no seu movimento superior (sattvico) representa o despreendimento dos frutos da ação e a serenidade interior. No seu aspeto inferior representa a passividade, a ignorância que gera medo e a fuga do compromisso.



ISKCON desire tree em Flickr.
 Licença Creative Commons Attribution
 NonCommercial 2.0 Generi

Culto do Divino e os Três Gunas – Comentários de Shri Aurobindo à Bhagavadgita

“O culto ao divino dos “duas vez nascidos”, exige a retidão moral, a pureza, a ausência de violência para com os outros – tal é o ascetismo do corpo. Discurso que não causa perturbação aos outros, veracidade, benevolência e beneficência, o estudo da Escritura – esta é a ascese do discurso. – Alegria clara e calma da mente, doçura, silêncio, autocontrole, purificação completa do temperamento – esta é a ascese da mente. Este triplo ascetismo, praticado numa fé iluminada, sem desejo pelo seu fruto, que se tornou harmonioso, é chamado sattvico.

O ascetismo que é empreendido para obter honra e adoração dos homens, por desejo de glória e grandeza externas, e por ostentação, é considerado rajásico, instável e efêmero. A ascese praticada numa mente enevoada e abusada, impondo esforço e sofrimento a si próprio, ou concentrando a sua energia no desejo de ferir os outros, é chamada tamásica.

Dar de uma forma sattvica é dar por amor de dar e fazer o bem sem nada esperar em troca; é dar nas condições certas de tempo e lugar e ao justo beneficiário (aquele que é digno, ou a quem o presente pode realmente ajudar).

A dádiva Rajásica é dar com relutância, ou com violência, ou com um propósito pessoal e egoísta, ou na esperança de alguma recompensa.

A oferta tamasica é oferecida sem ter em conta as condições certas de tempo, lugar e objeto; é oferecida sem ter em conta os sentimentos do recetor, que a despreza mesmo quando a aceita (17.14-22)”

“Todas as almas em potência são divinas. O nosso objetivo é manifestar o Divino que está dentro de nós, dominando a natureza exterior e interior, (...) Doutrina, dogmas, ritos, livros, templos e formas são apenas detalhes secundários, eliminando o ego de um lado, Deus preencherá o outro lado”

Swâmi Vivekânanda

Num sistema piramidal ideal, o Dharma de cada Varna deve ser o reflexo na terra do Dharma Celeste, sendo a moral, a justa expressão na conduta humana desta Ética Universal.

Para os SHudras, a Lei moral serve para moderar os seus instintos, o seu objetivo é o bem-estar, lutando pela existência e vivendo na ignorância.

Para os Vaishyas, a Lei moral serve para moderar as suas ambições, lutando pela abundância e riqueza, vivendo na ilusão.

Para o Kshatriya, a Lei moral serve para moderar a sua ânsia de honra e glória, lutando pela justiça e vivendo do combate interior.

Para o Brâmane, a Lei moral serve para preservar a pureza interior e a renúncia aos bens materiais, lutando pela Verdade e vivendo na prudência.

A Hierarquia ou ordem natural que deu nascimento aos varnas da Índia Védica é uma escala alicerçada no valor humano e numa ética profundamente transcendental e de nenhuma maneira pode ser associada ao determinismo hereditário que foi em parte responsável pela degradação da Civilização Hindu. A estagnação produz a paralisia da evolução, pois a consciência de cada ser humano é ilimitada e livre na sua vocação de se conquistar a si mesmo. A consciência, desperta e ilumina-se através do esforço de superação dos seus próprios limites, abrindo para si próprio novos horizontes de plenitude. Da mesma forma que a alma anima o corpo, proporcionando-lhe vida interior, tal como sensibilidade, pensamento e identidade própria, pois caso contrário teremos um simples robot semelhante a qualquer outro robot. Não é o Varna que condiciona o nascimento, mas a natureza intrínseca da alma que se reflete e se ajusta a um Varna. Pois o Varna é o corpo social temporal que a alma peregrina usa para expressar as suas potencialidades. Tal como o Mestre Buddha anunciava quando os Varnas da Índia já tinham estagnado num sistema profundamente injusto e corrompido pela ânsia de poder e privilégios: “não é pelo nascimento que um ser humano se torna Bramane, Kshatriya, Vaishya ou Shudra, mas sim pelas suas ações que um ser humano se torna Bramane, Kshatriya, Vaishya ou Sudra.

“Esta alma move-se, por assim dizer, em círculo, e terá que completá-lo. Ninguém desceu tão baixo que não chegue um momento em terá de subir. Pode começar na parte inferior, mas terá de retomar a curva ascendente para completar o circuito. Somos todos projetados de um centro comum, que é Deus, e voltaremos, depois de completar o nosso passeio, para o centro de onde partimos.”

Swâmi Vivekânanda



Licença Pixabay.

Karma

Por Mabel Collins

Este documento foi encontrado no final do livro “Luz no Caminho” publicado em 1800

Considere comigo que a existência individual é uma corda que se estende do infinito ao infinito e não tem fim nem começo, nem é possível ser quebrada. Esta corda é formada por inúmeros fios finos, que, próximos uns dos outros, formam sua espessura. Esses fios são incolores, perfeitos em suas qualidades de retidão, resistência e

nivelamento. Esta corda, passando por todos os lugares, sofre acidentes estranhos. Muitas vezes, um fio é apanhado e fica preso, ou talvez seja somente violentamente puxado para fora de seu caminho longe de sua maneira uniforme. Então, por um bom tempo, ele fica desordenado e desordena o todo. Às vezes, está manchado com sujeira ou de

cor; e não apenas se detém ao local de contacto, mas também descolore os outros fios. E lembre-se que os fios estão vivos – são como fios elétricos, mais ainda, são como nervos trémulos. Quão longe, então, deve a mancha, o arrasto, ser comunicado! Mas, eventualmente, os longos fios, o fio vivo que em sua continuidade ininterrupta formam o indivíduo, passam da sombra para o brilho. Então os fios não são mais coloridos, mas dourados. Mais uma vez, eles mantêm-se juntos, nivelados. Mais uma vez a harmonia é estabelecida entre eles; e essa harmonia dentro da harmonia maior é percebida.

Esta ilustração apresenta apenas uma pequena porção – um único lado da verdade: isto é menos que um fragmento. Mesmo assim, insista nisso; por sua persistência você pode ser levado a perceber mais. O que é necessário primeiro entender não é que o futuro é arbitrariamente formado por quaisquer atos separados do presente, mas que todo o futuro está em continuidade ininterrupta com o presente, assim como o presente está com o passado. Em um plano, de um ponto de vista, a ilustração da corda está correta.

Diz-se que um pouco de atenção ao Ocultismo, produz grandes resultados *kármicos*. Isso porque é impossível dar atenção ao Ocultismo sem fazer uma escolha definitiva entre o que é familiarmente chamado de bem e mal. O primeiro passo no ocultismo, leva o estudante à árvore do conhecimento. Ele deve colher e comer; sobretudo, ele deve escolher. Ele não é mais capaz da indecisão da ignorância. Ele continua, seja no bom ou no mal caminho. E dar um passo definido e consciente, mesmo um passo em qualquer caminho, produz grandes resultados *kármicos*. A massa de homens caminha hesitantemente, incertos quanto ao objetivo que eles almejam; os seus modelos de vida são indefinidos; conseqüentemente, os seus *karmas* operam de maneira confusa. Mas uma vez alcançado o limiar do conhecimento, a confusão diminui e, conseqüentemente, os resultados *kármicos* aumentam enormemente, porque todos estão agindo na mesma direção em diferentes planos: pois o Ocultista não pode ser hesitante, nem pode retornar quando tiver passado o limiar. Essas

coisas são tão impossíveis quanto o homem voltar a tornar-se criança. A individualidade aproximou-se do estado de responsabilidade em razão do crescimento; não pode sair dele.

Aquele que deseja escapar da escravidão do *Karma* deve elevar a sua individualidade da sombra para o brilho; deve elevar a sua existência de tal maneira que esses fios não entrem em contacto com substâncias sujas, não fiquem tão apegados a ponto de serem puxados para o lado errado. Ele simplesmente se eleva para fora da dimensão em que o *karma* opera. Ele não deixa a existência que está operando por causa disso. O chão pode ser áspero e sujo, ou cheios de flores ricas, cujas manchas de pólen e de substâncias doces se agarram e se tornam apego, mas no alto há sempre o céu livre. Aquele que deseja não ter *Karma*, deve olhar para o ar em busca de um lar; e depois disso para o éter.

Aquele que deseja formar um bom *Karma* encontrará muitas confusões, e no esforço de semear sementes ricas para sua própria colheita, pode plantar mil ervas daninhas, e entre elas o gigante. Não deseje semear nenhuma semente para a sua própria colheita; deseje somente semear aquela semente, cujo fruto alimentará o mundo. Você é uma parte do mundo; ao dar-lhe comida você se alimenta. No entanto, mesmo neste pensamento, esconde-se um grande perigo que avança e enfrenta o discípulo, que por muito tempo pensou estar trabalhando para o bem, enquanto no íntimo de sua alma ele percebeu apenas o mal; isto é, ele pensou estar pretendendo um grande benefício para o mundo, enquanto o tempo todo ele inconscientemente abraçou o pensamento do *Karma*, e o grande benefício pelo qual ele trabalha é para si mesmo. Um homem pode recusar a se permitir pensar em si mesmo. Mas, nessa mesma recusa é visto o facto de que a recompensa é desejada. E é inútil que o discípulo se esforce para aprender por meio da verificação de si mesmo.

A alma deve estar irrestrita, os desejos livres. Mas até que eles sejam fixados apenas naquele estado em que não há recompensa nem punição, nem bem nem mal, é em vão que ele se esforça. Ele pode

parecer fazer um grande progresso, mas algum dia ele vai ficar cara a cara com a sua própria alma, e reconhecerá que quando ele veio à árvore do conhecimento ele escolheu o fruto amargo e não o doce; e então o véu cairá totalmente, e ele desistirá de sua liberdade e se tornará escravo do desejo. Portanto, está avisado, você que está apenas se voltando para a vida do Ocultismo. Aprenda agora que não há cura para o desejo, nem cura para o amor da recompensa, nem cura para a miséria da saudade, salvo na fixação da visão e audição sobre o que é invisível e silencioso. Comece agora mesmo a praticar isso, e assim mil serpentes serão afastadas do seu caminho. Viva no eterno.

As operações das leis reais do *Karma* não devem ser estudadas, até que o discípulo tenha atingido o ponto em que as leis já não o afetem. O iniciado tem o direito de exigir os segredos da Natureza e conhecer as regras que governam a vida humana. Ele obtém esse direito escapando dos limites da natureza e libertando-se das regras que regem a vida humana. Ele tornou-se numa parte reconhecida do elemento divino, e não é mais afetado pelo que é temporário. Ele obtém, então, um conhecimento das leis que governam as condições temporárias. Portanto, você que deseja compreender as leis do *Karma*, tente primeiro libertar-se dessas leis; e isso só pode ser feito, fixando sua atenção naquilo que não é afetado por essas leis.





Imagem de Neesha Thunga K | Wikimedia Commons | CC BY-SA 4.0

A Tradição Gurukul da Índia Antiga

Manjula Nanavati

Artigo de, publicado por Kurush Dordi, 25 de maio de 2022

A filosofia Indiana defende que o universo não se limita àquilo que é aparente para as nossas percepções sensoriais, e que a Realidade Última nos é velada por uma cortina que nos deixa na ignorância e na ilusão. Assim, o principal objetivo da educação na Índia Antiga era perfurar esta cortina, para que o ser

humano experimentasse a realização daquilo que está além do que a mente infere através dos órgãos dos sentidos, e desenvolver a mente, tornando-a num veículo de apoio, em vez de um obstáculo, a este processo. A aprendizagem era, assim, um dever sagrado, valorizado e procurado, não como uma

acumulação de conhecimentos teóricos, mas como um meio para a autorrealização.

Uma das plataformas de difusão deste conceito único de educação foi a antiga tradição Indiana *Gurukul*. O termo *Gurukul* deriva de *Guru*¹, que significa docente [pessoa venerável] e *kul*, que significa família alargada ou lar. Durante todo o período da sua instrução, as crianças que integravam este sistema de ensino, deixavam a morada de família e eram integradas no agregado desta pessoa venerável (*Guru*). Quando a criança se aproximava dos 8 anos de idade, esta fase crucial da sua vida era santificada pela realização de uma cerimónia que representava o seu renascimento. A partir desse momento, a pessoa venerável ou docente (*Guru*), assumiria total responsabilidade pela criança que era agora sua pupila, a criança passava a ser conhecida como *Dvija*, ou nascida duas vezes.

Cabia a quem ensinava (*Guru*) determinar o programa e calendário de estudos, partindo de um currículo diversificado e abrangente: o conhecimento dos

quatro Vedas² e das *Upanishads*³, Matemática, Economia, Astrologia, Linguagem e Gramática, Dialética, Teologia, Política, Ciência Militar, Belas Artes, Medicina, Yoga, Artes Marciais e Tiro com Arco. (1) Além disso, quando apropriado, eram ensinadas habilidades vocacionais e providenciadas oportunidades de as praticar. A ênfase estava em dotar cada estudante para o desenvolvimento das forças que lhe permitiram superar os desafios da vida, na miséria ou na realeza, e cada estudante progredia ao seu próprio ritmo mediante a avaliação que era da responsabilidade de quem ensinava (*Guru*).

A criança ou jovem estudante continuaria a ser aceite perante a demonstração de uma disciplina firme, conduta e força moral irrepreensíveis. Não existia qualquer troca financeira, nem a duração do estudo estava predeterminada. Cabia à pessoa venerável (*Guru*) indicar quando a aprendizagem estava concluída, momento em que, habitualmente, lhe era oferecido um presente de homenagem - *Guru dakshina*.

1 No artigo original, *Guru* está como significando “teacher”, podendo ser traduzido como “docente” (quem ensina), ou “professor/a” (quem transmite conhecimentos ou ensinamentos a outrem).

Na língua portuguesa “*Guru*” (termo sânscrito), aparece como “pessoa venerável” ou “pessoa grave”. Enquanto nome masculino, refere-se a “Líder religioso budista ou hindu”; enquanto nome de dois géneros, será “Pessoa que dá conselhos, orientações. = GUIA, MENTOR/A”; “líder carismático/a, mestre/a influente, mentor/a respeitado/a”.

Assim, opto pela tradução de “pessoa venerável”, estando mais próximo da ideia que se pretende transmitir desta figura que transmite muito mais que simples conhecimentos ou práticas.

(“*guru*”, in Houaiss, A.; Salles-Villar, M.; Mello-Franco, FM (2011). *Dicionário do Português Atual Houaiss*. Círculo de leitores e Sociedade Houaiss – Edições Culturais Lda., pp. 1240; Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/guru> [consultado em 05-07-2022]).

2 Denominam-se Vedas as quatro obras, compostas em um idioma chamado Sânscrito védico, de onde se originou posteriormente o sânscrito clássico. Os vedas consistem de vários tipos de textos, todos datando aos tempos antigos. O núcleo é formado pelos mantras que representam hinos, orações, encantações, mágicas e fórmulas, rituais, etc., endereçados a uma grande quantidade de deuses e deusas. Os mantras são suplementados por textos relativos aos rituais sacrificiais onde são utilizados e também textos explorando os aspetos filosóficos da tradição ritual. Inicialmente, os Vedas eram transmitidos apenas de forma oral. Nos *dharmashastras*, o estudo dos Vedas foi considerado um dever religioso dos três altos varnas (*Brâmanes*, *Xatrias* e *Vaixás*). A partir de certa data, as mulheres e *Shudras* não precisavam nem podiam estudar o Veda (isso começou a acontecer só na idade Védica ou Sutra posterior, porque numerosas evidências sugerem que a todos os humanos era igualmente permitido estudar os Vedas, e muitos “autores” védicos eram mulheres). (in Wikipédia, <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vedas> [consultado em 13-07-2022]).

3 As *Upanishads*, são parte das escrituras *Shruti* hindus, que discutem religião e que são consideradas pela maioria das escolas do hinduísmo como instruções religiosas. Contêm também transcrições de vários debates espirituais, e 12 dos seus 123 livros são considerados básicos para o hinduísmo. Surgiram como comentários aos Vedas, que são a sua finalidade e essência, sendo, portanto, conhecidos como Vedânta (“o fim do Veda”). (in Wikipédia, <https://pt.wikipedia.org/wiki/Upanixade> [consultado em 13-07-2022]).



PxHere. CC0 Domínio publico

Esta estrutura de ensino pressupunha que as crianças e jovens estudantes assumissem um papel activo nas tarefas de apoio ao eremitério⁴. O primeiro dever do dia seria recolher lenha para manter o fogo sagrado aceso, ato simbólico do acender a mente. Era frequente que a criança que procurava ser aceite com discípulo, se aproximasse da pessoa venerável (*Guru*), com um feixe de lenha nos braços, simbolizando a sua vontade e lealdade. Outras tarefas do eremitério incluíam as lides domésticas, sempre concebidas com o propósito de purificar o ego e promover a autoconfiança.

Frequentemente, os eremitérios localizavam-se no meio da natureza, onde a solidão silvestre incentivava ao florescimento de uma ligação entre o Ser humano e a Terra⁵. As tarefas e rotinas académicas coincidiam com os ciclos da natureza, salientando assim, a ideia do ser humano como uma parte intrincada da teia da vida. (2)

A pessoa venerável (*Guru*) transmitia não só os seus conhecimentos, mas também os seus valores, a sua ética e o seu modo de vida. Esta relação estreita

e íntima, construída entre *Guru* e *Shishya*, era um laço sagrado e uma marca vital da educação *Gurukul*, permitindo a quem estudava imbuir-se de elementos intangíveis demasiado subtis para serem articulados: as atitudes profundas, as intenções inatas, a essência dos métodos e o espírito da vida e trabalho desta pessoa venerável que ensinava.

Porque o coração deste sistema era precisamente a pessoa venerável (*Guru*), quem aprendia pertencia não à abstracção de uma instituição, mas a esse indivíduo, a quem era concedido um respeito considerável, tal como exemplificado nos épicos, na literatura e na poesia. Muitos *shlokas*⁶ dos Vedas deificaram a figura docente, como *Acharya Devo Bhava* (*Taittiriya Upanishad*), reconhecendo quem ensina como um repositório vivo para a preservação do conhecimento, tradição, cultura e visão.

Durante milhares de anos este legado foi transmitido pela tradição oral, no sistema *Guruparampara* de sucessão entre *Guru* e *Shishya* (pessoas Mestras e Discípulas), formando uma cadeia inquebrável através das gerações.

Até ao séc. VIII EC⁷ era considerado sacrilégio reduzir os Vedas à escrita, já que a educação não se reduzia à capacidade de ler, escrever e compreender; antes, a educação era algo a ser realizado e assimilado como uma parte orgânica da própria pessoa. Assim, a tradição *Gurukul* empregava um método de ensino único que, como mencionado nas *Upanishads*, consistia em três passos. (1)

4 Eremitério, refere-se à casa ou lugar onde habita uma pessoa eremita, ou, em sentido figurado, a uma casa ou lugar afastado de povoado (= ERMO), é neste sentido que será adotado no texto. ("eremitério", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021).

5 No artigo original "between Man and the Earth... emphasizing the idea of man", literalmente "entre o Homem e a Terra.... enfatizando a ideia do homem"; ora tradicionalmente esta modalidade de ensino não estava reservada aos indivíduos do género masculino, daí optar pela tradução de "ser humano" – "Homem" é uma falsa generalização dos géneros.

6 "Sloka" é um poema composto por estrofes de quatro versos, escrito em sânscrito, usado na maioria das obras clássicas da literatura védica, tais como o Ramayana, o Mahabharata, inúmeros Puranas e outros livros. (in Wikipédia).

7 EC = Era Comum ou Corrente; AEC = Antes da Era Comum ou Corrente; expressão alternativa ao "a.C." (antes de Cristo) e "d.C." (depois de Cristo), usados para diferenciar a contagem dos anos anteriores e posteriores ao nascimento de Jesus Cristo, de acordo com o calendário gregoriano. A cronologia da Era Comum não muda a maneira ocidental de numerar os anos, nem antes nem depois de Jesus Cristo. As denominações "EC" e "AEC" são propostas como alternativas que evitam referir-se a uma determinada civilização ou religião, sendo vistas como uma norma neutra em relação à cultura e crenças.

1. SRAVANA era o processo de escutar as palavras da pessoa venerável ou docente. O veículo de transmissão dos Vedas era o *sutra*, uma frase ou verso condensado, comprimido com significado e aberto à interpretação. Além disso, considerava-se que o próprio som transportava uma potência, de modo que o som, o ritmo do verso e a vibração subsequente, transportavam potência e significado a serem diretamente interiorizados.
2. MANANA, o passo seguinte, era um processo de deliberação e reflexão sobre o assunto, incluindo a discussão, o debate e a argumentação como uma parte importante do processo. No entanto, isto apenas resultaria numa compreensão intelectual e numa convicção racional. Apenas a terceira etapa poderia completar o processo necessário para uma verdadeira aprendizagem.
3. NIDIDHYANASANA é a realização da Verdade através da meditação. Os *Upanishads* descrevem exercícios preliminares de treino em contemplação chamados *Upasanas* que, se praticados rigorosamente, levam à “consciência do Uno, imperturbável pela mais ínfima consciência do múltiplo”. (1)

Tendo isto como objectivo principal, o estudo de temas ou disciplinas mais não era que o recurso a diferentes veículos para perceber a verdade. O

seu foco estava no princípio do saber, em vez do conhecimento; em perceber a verdade, em vez da mera compreensão lógica da mesma, e o seu método era *Yoga*: “a arte e a ciência da construção do *self* através da disciplina e da meditação”. (1)

A educação era então o treino de controlar a mente, de modo a podermos mergulhar nas profundezas da nossa consciencialização interior, sem nos afetarmos pelo fascínio ou aversão do mundo ilusório e material. Era uma fonte de iluminação.

O sistema *Gurukul* arraigou-se lentamente por toda a Índia, visto que, segundo a prática antiga, recebia o devido apoio do Reino. Assim, as despesas com a alimentação e o vestuário das crianças e jovens estudantes, tal como as necessidades da pessoa venerável ou docente (*Guru*), eram todas adequadamente comissionadas, assegurando que mesmo as famílias mais carenciadas pudessem enviar as suas crianças para um *Gurukul*. Esta tradição vibrante continuou a florescer mesmo ao lado das amplamente celebradas e prestigiadas universidades de ensino superior da Índia. Takshila, fundada em 1000 AEC, e Nalanda, fundada em 500 EC, entre muitas outras, atraíram estudantes de todo o mundo, que enfrentaram os perigos das árduas viagens, pelo privilégio de estudar sob as pessoas altamente reverenciadas e sábias da época.



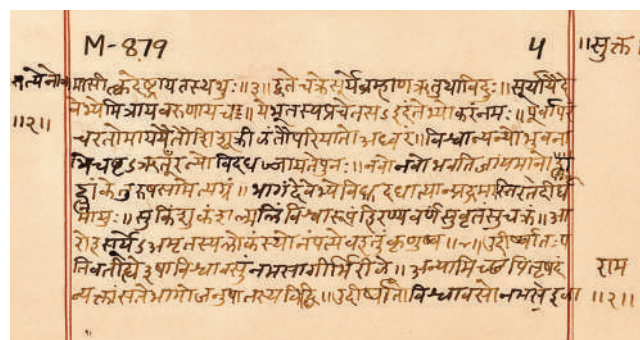
Rajkot Gurukul. Commons Wikipedia.

Em 1830, o Reino Unido encomendou a recolha de dados sobre o número e os tipos de educação disponíveis no subcontinente, tendo Thomas Munro reportado que “havia 100,000 escolas de aldeia só em Bengala e Bihar. Os épicos, a leitura, a escrita, a aritmética e entre outras, estavam a ser ensinados”. (2) O inspector William Adams escreveu que “não se lembrava de estudar na sua escola da aldeia, na Escócia, nada que tivesse uma relação mais directa com a vida quotidiana do que o que era ensinado nas escolas da aldeia mais humilde de Bengala.” (2) Estes relatórios falavam de pessoas docentes dedicadas, de um método de transmissão de conhecimento sem violência, e de uma elevada assiduidade em toda a parte.

Contudo, com o patrocínio colonial para fundar escolas que providenciassem uma educação expressamente ocidental, tendo em vista a preparação de um quadro de pessoas nativas para assegurarem a gestão da burocracia britânica, e com a retirada das subvenções que apoiavam a educação indígena, este legado vernacular único começou a desintegrar-se lentamente. (3)

Atualmente, e em todo o mundo, na maioria das instituições de excelência académica os termos **educação holística**, **aprendizagem experiencial**, **ensino centrado na pessoa aprendente (discente)** e **educação transformacional**, são impulsionados como métodos modernos e progressivos. Mas estes mesmos conceitos eram o coração do sistema Gurukul que se enraizou na Índia por volta de 5000 AEC. Infelizmente, contudo, numa sociedade consumista a educação corre o risco de se tornar um produto, surgindo “gurus” do *coaching* que vendem os seus serviços, por uma taxa, a estudantes que padecem de stress e às suas, frequentemente, ansiosas e sobrecarregadas famílias.

É evidente que o papel da pessoa docente como iluminadora da Verdade tem sido desvalorizado, e muitas escolas e faculdades de renome são vistas como sendo, em primeiro lugar, campos de caça para os recursos humanos que irão alimentar os impérios corporativos internacionais.



1500-1200 aC, Vivaha sukta, Rigveda 10.85.16-22, sânscrito, Devanagari, página manuscrita

Haverá um equilíbrio entre estas duas ideologias contrastantes que possa ser mais adequado para o nosso futuro? Ousamos imaginar uma abordagem inovadora e de mente aberta?

Sugiro que devemos... pois uma sociedade que perde as pessoas que ensinam, perde-se a si própria. Se o objectivo central da educação tiver de ser mais uma vez orientado para a descoberta do verdadeiro significado de ser humano, talvez quem estuda nas várias instituições académicas de hoje, e a sociedade em geral, tivesse muito a ganhar com um sistema híbrido que pudesse combinar infraestruturas modernas e meios tecnológicos de ensino, com alguns dos velhos princípios da venerável tradição Gurukul: um que defendesse o valor de forjar uma vida ética acima do sucesso mundano, fortalecesse a ligação sagrada entre o ser humano e a natureza, incutisse o valor da preservação da herança cultural, e encorajasse o florescimento de uma consciência espiritual que ajudasse a levantar o véu para experimentar vislumbres da Verdade eterna e infinita.

Referências bibliográficas

- (1) Radha Kumad Mookerji. *Ancient Indian education*. Motilal Banarsi Dass Publishers. Delhi. (2016).
- (2) Sahana Singh. *The Educational Heritage of Ancient India. How an ecosystem of learning was laid to waste*. Notion Press. Chennai. (2017).
- (3) Dharampal. *Collected Writings Volume 3. The Beautiful Tree. Indigenous Indian Education in the Eighteenth century*. Other India Press. Goa. (2000).



Bhaisajyaguru, Buda de la Medicina. Wikipedia Commons

A Medicina Budista

Por Juan Martín

O título deste artigo poderia levar à conclusão de que existe algum tipo de técnica ou conjunto de conhecimentos que nos permitisse incluir esta medicina entre as já conhecidas. No entanto, não existe tal tipo de medicina, pelo menos de uma maneira claramente individualizada, pois tratam-se de **bases metafísicas e de uma forma de entender a medicina** que pode ser aplicada a qualquer outra escola estabelecida.

O documento inaugural do qual parte esta conceção é “**O Sutra do Buda da Medicina**” resultado dos

ensinamentos do próprio Gautama Sakyamuni, o Buda.

Ao longo dos séculos, este documento foi traduzido em tibetano e chinês e voltou a traduzir-se de novo para inglês e outros idiomas. Infelizmente, muitas destas traduções apresentam desvios sectários e foram difundidas no Ocidente sem o suficiente entendimento do seu conteúdo.

Frequentemente, alguns grupos tibetanos, budistas modernos ou pseudo-budistas, utilizaram o seu

conteúdo de forma distorcida incitando o uso deste Sutra e o mantra que contém de forma supersticiosa.

Pode-se assinalar dois aspetos fundamentais na Medicina Budista:

- Moral-metafísico:
- Mágico-religioso.

Estes dois aspetos são o resultado das concepções particulares do budismo Mahayana e tibetano que comparte os mesmos ensinamentos com o budismo Hinayana no moral, mas acrescentando a ele concepções esotéricas, elementos religiosos populares e, em algumas escolas, elementos tântricos procedentes da escola Vajra ou do Diamante.

Aspeto Moral-Metafísico

Para o budismo as causas fundamentais da doença são precisamente as mesmas que colocam em movimento a roda do Samsara: a cadeia de causas interdependentes ou “os 12 Nidanas”.

A **Samsara**, o perpétuo errar, refere-se a uma cadeia repetitiva de nascimento, morte e reencarnação, ideias que não são só budistas, mas que também se compartilham com o hinduísmo, jainismo, a religião dos sikhs e a dos bons e, inclusive, no Ocidente, encontramos traços dessas crenças entre os antigos egípcios, gnósticos, no orfismo grego, platonismo e neoplatonismo e até existem vestígios nos evangelhos e em alguns textos hebreus.

Esta é, portanto, a primeira doença: a incessante roda de Samsara é a doença fundamental, a razão de todo o sofrimento e por isso a principal medicina e cura que todos necessitamos é a libertação desta roda samsárica.

Agora, sendo razoáveis, esta libertação não vai produzir-se de um dia para o outro, mas, o que sim é possível, é a moderação, o equilíbrio, a calma e serenidade que faz com que os nossos desejos se restrinjam progressivamente de uma maneira natural.



Roda do Samsara com as 12 nidanas no anel exterior.
Wikimedia Commons

Para o conceito budista existem dois fins possíveis: um já mencionado, a libertação final, e outro que consiste em **melhorar as nossas condições presentes e futuras, individuais e coletivas**. O budismo não é apenas uma filosofia focada na renúncia do mundo e em afastar-se para seguir um caminho místico. Dentro do ensinamento budista não sectário é também uma aspiração importante o conseguir **uma sociedade mais justa, mais igualitária e com menos sofrimentos e doenças**.

Antes de prosseguir temos de ter muito claro que uma coisa é o Budismo (Budhism com “d”) ou seja, a milenar Religião da Sabedoria Atemporal, fonte de onde irradia a Luz Espiritual para o Mundo desde de que este existe, conceito ao qual qualquer um pode chegar por si mesmo e, outra coisa diferente, é o “Budismo de Buda” (Buddhism com dois “d”), ou seja, a reedição e adaptação dessa fonte original de sabedoria a uma época e a um determinado lugar e que em sua última “edição-adaptação” consistiu na **doutrina exotérica** ou “**Doutrina do Olho**” promulgada por Gautama Sakyamuni, o iluminado, o Buddha um dos muitos Budas que periodicamente veio ao mundo para renovar a mensagem.

No entanto, o que nunca foi promulgado abertamente é a **doutrina esotérica** ou “**Doutrina do Coração**”.

Há muitas escolas budistas que em muitos casos são ramos degenerados do tronco inicial, o próprio Dalai Lama que mudou critérios tradicionais acerca de muitas coisas, numa das sua entrevistas declara-se “marxista”. O budismo original, ao não fazer distinções de casta, sexo, posição social ou nacionalidade e ao promulgar uma filosofia religiosa de libertação, e não uma religião, aproxima-se nos seus postulados de um certo socialismo liberal ou utópico, se por isso temos de entender que a Justiça e a Igualdade devem ser valores primários, mas em nenhum caso propunha uma doutrina socialista marxista.

Todo o anterior dá-nos uma ideia de quão afastados do espírito original estão muitas doutrinas budistas do presente, que apesar de se apresentarem como

vítimas perseguidas por regimes comunistas declaram-se marxistas ao mesmo tempo que se rodeiam de artistas de cinema e karatecas como Steven Seagal reconhecido como “tulku”, o lama reencarnado, os quais nomeia lamas avançados e os quais o Dalai Lama, nas suas reuniões multitudinárias, senta na primeira fila.

Mas como colocar em movimento a roda de samsara? Os textos budistas falam de um começo desconhecido ou inalcançável para o entendimento:

“Inconcebível é o começo deste Samsara; sem que se possa descobrir o começo primeiro dos seres, quem, obstruídos pela ignorância e apanhados pelo enseio se apressam e aceleram através desta ronda de renascimentos”

Se bem que o conceito de Samsara é o de uma roda, um círculo repetitivo que logicamente não tem começo nem fim pode-se, no entanto, PARA ESTE CICLO no qual estamos, para este novo giro da roda, assinalar as causas do seu movimento: **a Ignorância, Avidya** que como indica a palavra sânscrita é Não-Ver, não perceber, não se dar conta da realidade, do verdadeiro. E essa cegueira primeira leva-nos a tomar decisões erradas e executar atos contra a Lei. Como consequência, originam-se formações kármicas que nos levam através dessa roda, dando tropeções de engano em engano, até chegar ao ultimo elo que também é o começo do seguinte: envelhecimento, morte, preocupação, dor, pena e desespero.

A isto chama o budismo de 12 Nidanas, ou causas interdependentes, que não só colocam em movimento a roda de Samsara senão que, além disso, a mantêm de maneira indefinida.

Quem sabe nesta encarnação não tenham acontecido as coisas que querias, quem sabe nesta encarnação te tenham caluniado, ferido ou maltratado, mas considera, tu que podes ler isto, que tens educação suficiente para entender o que aqui se diz, que és afortunado porque milhões e milhões de seres humanos ainda se arrastam entre a dor física e a miséria, a guerra, o fome e as doenças.

Recorda pois que o Buda não fala apenas da libertação final, muito longe do nosso alcance por agora, mas também da melhoria da tua vida agora e no futuro, de ter, como agora tiveste, a oportunidade de renascer num ambiente que te permite estudar, aprender, dominar-te e aproximar-te à filosofia que te fará mais sábio e que te ajudará a ter uma vida melhor com penas e alegrias, mas suportável e serena. Mas além disso deves fazer participante, sob as formas possíveis, todos os seres humanos das bênçãos que tu tens.

Desde o ponto de vista do Buda, a doença, em qualquer um dos planos no qual se manifeste (físico, metafísico ou moral) só possui uma autêntica cura: a interrupção da cadeia de causas interdependentes, ou, pelo menos, a amortização e canalização destes 12 Nidanas até um fim positivo.

Neste aspeto Moral que estamos a tratar não há que esquecer um último ponto: pode ser que eu não seja capaz de mudar muitas coisas na minha vida neste momento, mas algumas, e aquilo que sim posso fazer é, em vez de buscar a todo o custo a minha “salvação”, a minha “iluminação”, o meu o que seja, procurar nos meus atos a presença do “nós”, atuar inspirado pela eterna renúncia dos bodhisattvas, aqueles que se comprometeram a levar todos os seres humanos à libertação antes deles mesmos.

Esse longo caminho começa por ajudar a tornar real que todos os seres humanos tenham algo para comer, para se educar, para terem uma vida digna, para aprenderem a ler e, em definitivo, para saírem do estado semi-animal em que muitos vivem.



Ahinsa Sthal, Mehrauli, Nova Deli. Wikimedia Commons

Décima Primeira Prática/Discurso

Jaina Sutras, Part II (SBE45), tr. por Hermann Jacobi, [1895]

O BEM INSTRUÍDO

Passarei a explicar, na devida ordem, a disciplina correta de um monge sem lar que se livrou de todos os vínculos materiais. Escutem-me. (1)

Aquele que ignora a verdade, que é egoísta, ganancioso, sem autodisciplina, e que fala de forma imprecisa, é chamado de mal comportado e desprovido de conhecimento. (2)

Há cinco factores que tornam impossível a prática de uma disciplina saudável: o egoísmo, a ilusão, o descuido, a doença e a preguiça. (3)

Por outros oito factores, a disciplina é considerada uma virtude, pois permite: não viver na alegria exagerada, ter autodomínio, não difamar os outros, não ser indisciplinado, não ter uma disciplina errada, não praticar a cobiça, não sentir raiva, amar a verdade; por permitir o aperfeiçoamento, a disciplina é considerada uma virtude. (4,5)

Um monge que está sujeito às catorze acusações que se seguem é chamado de mal comportado e não pode alcançar o Nirvâna (6):

Se está frequentemente enraivecido; se alimenta a ira; se rejeita conselhos sensatos; se ostenta o seu conhecimento; se critica os outros; se tem conflitos com os seus amigos; se fala mal, mesmo de um bom amigo, pelas costas; se é imperativo nas suas afirmações; se é malicioso, egoísta, ganancioso, sem autodisciplina; se não sabe partilhar com os outros; se é cruel: então ele é chamado de **mal comportado**. (7-9)

Mas pelas quinze boas qualidades que se seguem ele é chamado de bem comportado: se é sempre humilde, firme, livre de enganos e de curiosidades supérfluas; se não abusa de ninguém; se não alimenta a ira; se ouve conselhos sensatos; se não ostenta o seu conhecimento; se não aponta defeitos nos outros; se não está zangado com os amigos; se fala bem, mesmo de um mau amigo, pelas costas; se evita os conflitos; se é iluminado, cordial, decente e calmo; então ele é chamado de bem comportado.

Aquele que é fiel ao seu mestre 1, que tem devoção à religião e é dedicado ao estudo, que é gentil nas palavras e nas ações, merece ser instruído.

Assim como a água colocada numa concha brilha ainda mais, também brilham a compaixão, o exemplo e o conhecimento de um monge bem instruído.

Tal como um cavalo Kambôga bem treinado, ao qual nenhum barulho assusta 2, supera todos os outros cavalos em velocidade, também um monge bem instruído é superior a todos os outros.

Tal como um valente guerreiro montado num cavalo treinado, que pregoa em cânticos ao seu redor, também um monge bem instruído, não tem igual.

Tal como um elefante forte e imponente de sessenta anos, rodeado pelas suas fêmeas, também um monge bem instruído não tem igual.

Tal como um boi de chifres afiados e pescoço forte, enquanto líder da manada, é uma bela visão, assim o é um monge bem instruído.

Tal como um leão orgulhoso com as garras afiadas, que não tolera ataques, é superior a todos os animais, assim é um monge bem instruído (superior a todos os homens).

Tal como Vâsudêva, o deus com a concha, o disco e o bastão, que luta com uma força insuperável, também o monge bem instruído não tem igual.

Tal como um imperador com o seu exército superior e o seu grande poder, o possuidor dos catorze atributos de um rei, também o monge bem instruído não tem igual.

Tal como Shakra, o que tem mil olhos, aquele que domina o raio, o destruidor de fortalezas, o rei dos deuses, também o monge bem instruído não tem igual.

Tal como o Sol nascente, o dissipador das trevas, que *queima* com a sua luz, também o monge bem instruído não tem igual.

Tal como a lua, a rainha da noite, rodeada de estrelas, quando está em lua cheia, também o monge bem instruído não tem igual.

Tal como um armazém de comerciantes bem guardado, cheio de mantimentos de muitos tipos, também o monge bem instruído não tem igual.

Tal como a melhor das árvores Gambû 1, chamada Sudarsanâ, que é a morada do divino que a preside, também o monge bem instruído não tem igual.

p. 49

Tal como o maior dos rios, o afluente oceânico Sîtâ 1 com as suas águas profundas, também o monge bem instruído não tem igual.

Tal como a maior das montanhas, o alto monte Mandara, sobre o qual várias plantas revelam um brilho radiante, também o monge bem instruído não tem igual.

Tal como o oceano de água inesgotável, o deleite de Svayambhû 2, que está repleto de coisas preciosas, também o monge bem instruído não tem igual.

Os monges que se igualam ao oceano em profundidade, que são difíceis de superar, que não se assustam com nada, e que não são facilmente derrotados, que se dedicaram ao estudo extenso e que cuidam de si mesmos, irão para o *lugar* mais alto, depois de o seu Karma ser extinto.

Portanto, o buscador da verdade mais elevada, deve estudar a sabedoria sagrada, para que ele e os homens alcancem a perfeição. (32)

Assim eu vos digo.

Notas:

47:1 Literalmente, que sempre permanece no *kula* de seu professor.

47:2 Kanthaka. O cavalo de Buda é chamado de Kanthaka.

47:3 Este é o fardo de todos os versículos até o versículo 30.

47:4 Eu forneci estas palavras aqui e nos versículos seguintes. Os críticos tentam prescindir deles e trabalham para apontar qualidades do monge, que correspondem aos atributos do sujeito objecto da comparação.

48:1 Eugenia Jambu. De acordo com os críticos, a própria árvore da qual Gambûdvîpa recebeu seu nome. Eles fazem da divindade presidente (ânâdhiya), o deus Anâdrita. Não estou preparado para dizer que existe um deus como Anâdrita. O nome parece suspeito. Creio que ânâdhiya é igual a âgñâsthita.

49:1 De acordo com a cosmografia dos Jainas, o Sîtâ é um rio que nasce na cordilheira de Nîla e desagua no oceano oriental. O Nîla é a quarta das seis barreiras de montanha paralelas, sendo a mais meridional a Himalaia. (Trailôkya Dîpikâ, Umâsvâtis' Tattvârthâdhigama Sûtra, etc.)

49:2 Este apelido aparentemente refere-se a Vishnu, a dormir no oceano.

A ação faz nascer a reação, mas quando ambos são o mesmo como a canoa que avança no rio movida pela corrente?

Sorriem os Deuses e ilumina-se a alma humana, ou é a luz da alma a que faz sorrir o céu?

A semente morre quando o broto procura a luz no alto, mas nada o empurra. Nada no universo é coisa, nada deixa de ser. Expressa-se ou não, dilata-se na existência ou contrai-se dela.

A palma da mão sozinha não bate, nada interrompe o silêncio e o ar dança em torno e mesmo que nada rompa, serpenteia.

Diz-me qual era a tua face antes que nascessem os teus pais



Licença Creative Commons CC0

A minha face verdadeira é a que olho e não vejo no espelho da vida.

Sim, vejo a que o amor dos meus pais forjou. E quem sabe quando nasceram, juntas ambas sorriram.

A tua face verdadeira é a que sorri no Sol e a que se faz ouvir no vento. A que olha na amada, a que reclama no mendigo, a que na dor e na desgraça a ti se aproxima, a que deixas de ver e sentir no prazer, com o seu calor escaldante.

A que na morte abraças pois a ela regressas, a que na vida recordas, mas que em ti trabalha.

Parece que foge mas nunca o faz, como nunca foge a luz da sombra.

Nunca me buscarias se não me tivesses encontrado, disse Cristo a Santo Agostinho, e se encontras Buda ou os Patriarcas, mata-os, disse um sábio zen.

Quando uma árvore cai num bosque faz barulho se não há ninguém para a escutar?



Árvore caída, Floresta Pitmedden. Wikimedia Commons

As almas humanas brilham mas de vez em quando há que arder, querem brilhar nas pupilas do mundo! Assim se opacam, por medo que outros brilhem igual ou mais.

Quem vê o seu corpo no espelho não pode ver o infinito que este reflete, e menos ainda o mistério da luz, na sua vida e geometria, e nunca há de adentrar-se na causa e obscuridade que a fez nascer.

E quem sabe uma estrela hoje morreu e, no entanto, tu estarás morto quando chegue aqui o grito com que inundou o espaço. E aqui, que aqui, salvo a si mesmo, não há um único espaço fixo para nada neste mundo?

Tal como os pais cuidam dos seus filhos, deverias ter em conta todo o universo (Dogen)



Creative Commons CC0. Pxhere

Cuidar dos filhos é um imperativo, um mandato da natureza para os seus pais. Cuidar do filho, ou pelo menos, simplesmente que o filho esteja cuidado, como na terrível resolução do Buda que o levou à selva, querendo socorrer a humanidade inteira.

E cuidá-los é primeiro estar atentos.

Quando a mente com que olhas o mundo não seja o teu mundo, mas o mundo, nos diz Dogen, o mundo estará baixo o teu cuidado, como os filhos dos pais.

E sem a atenção e a sua chama como poderá chegar a tua luz ao mundo inteiro? Como poderias sem ela cuidar dos teus filhos? Como poderias cuidar de ti mesmo? E porque emudece, ante a primeira sombra da tua mente, se ela é a única que poderia afastá-las?

E porque fazes do mendigo ou do ladrão rei de ti mesmo, se o reino de Deus, que como seu filho, te há sido outorgado, espera o teu olhar e ação atenta e bondosa?

Não medites, não golpeies o carro, senão o boi se queres que este avance



Creative Commons CC0. Pxhere

Todos os dias e à mesma hora, como um rito sem sentido golpeias e até danificas o carro e o tempo vai mais rápido que o carro pois o boi espera e morre de fome.

Se tu não vais, onde vais tu? Se não há perguntas como encontrarás respostas. Se não morres como queres nascer e viver. Como queres voltar só com a sombra da asa. Se olhas através da fechadura como farás girar a chave nela. Se te olhas no espelho como verás o próprio espelho e se só te vês nele como saudarás quem está ao teu lado.

Dois monges discutiram sobre uma bandeira. Um disse que a bandeira se estava a mover. O outro disse que é o vento que a estava a mover. Perguntaram ao Mestre e este disse que nem o vento nem a bandeira, que é a mente quem se move.



Licença: pixabay

Move-se pelo vento que não vês e que imaginas, à bandeira sim. E da bandeira ao vento.

Toda a causa gera um efeito. Todo o efeito indica a sua causa, mas só a causa que ela mesma é efeito não necessita de uma mente que pergunte e espere resposta.

Que importa à bandeira o vento, até quem sabe só nele encontra a sua plenitude. Que importa ao vento à bandeira, se até quem sabe só nela sente que vive e se move. Mas tu, sem vento, não vês como a bandeira se estende e agita, e sem bandeira nada sabes do vento. E que te importa a soma de ambas. Sim, já sei, te importa a soma das letras porque estas originam palavras que têm sentido. Mas como podes somá-las se sabemos desde crianças que não podemos somar pêras e maçãs? E como podes, sem somá-las, encontrá-las quando “a humidade não é um atributo da água senão a sua própria presença”?

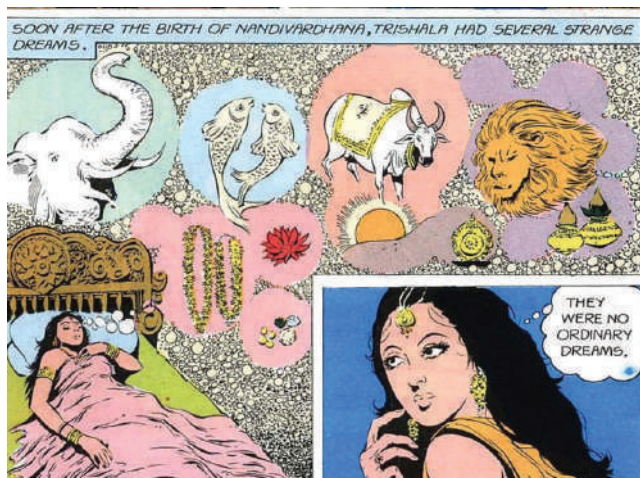


As Visões que Anunciam um Tirthankara, no Jainismo

Por Pandava

Entre os tesouros da simbologia Jainista, destacam-se, sem dúvida, as visões que anunciam o nascimento de um vitorioso, ou seja, de um jina, de um Tirthankara; um conceito semelhante, em parte, ao do avatara do hinduísmo. Os Tirthankaras são,

na religião Jainista, aqueles que criam passagens no fluxo do karma, no samsara ou rio de ilusões estéreis, a fim de alcançar a “outra margem” ou libertação.



Dos quadrinhos Mahavira, de Anant Pai.
Archive.org. Mahavira-comic, página 3

É difícil saber por que estas são as visões ou símbolos que os precedem e o seu significado profundo. Porque aparecem nesta ordem ou porque em um determinado número, 14 em algumas versões, 14 e 16 noutras. O “touro branco” refere-se ao veículo de Shiva, ou seja, Nandi. O elefante branco, ao de Indra, Airavati; também aparece a deusa do amor, Lakshmi, ou o oceano, que é a própria essência do deus Varuna.

De qualquer forma, mesmo quando não há compreensão, a beleza tenta com uma verdade oculta e chama a alma para si. Deixemo-nos embalar com a descrição¹ destas visões tal como estão escritas nos textos desta filosofia religiosa do ascetismo e da não-violência (*ahimsa*).



Ídolo do 24º Tirthankar, Senhor Mahavira no templo Jain em seu local de nascimento, Kshatriyakund em Bihar

¹ Extraído do archive. org, compilado por Pravin K. Shah, Jain Centro de Estudo da Carolina do Norte.

“A rainha Trishala, mãe do Lorde Mahavir, à meia-noite teve catorze sonhos bonitos e auspiciosos após a concepção.

Eles eram:

- Elefante;
- Touro;
- Leão;
- Deusa Lakshmi;
- Grinalda de Flores;
- Lua Cheia;
- Sol;
- Bandeira Grande;
- Urna Prateada;
- Lago do Lótus;
- Mar Leitoso;
- Avião Celestial;
- Monte de Pedras Preciosas;
- Fogo sem Fumaça.

Elefante

O primeiro sonho que a Rainha Trishala teve foi o de um elefante. Ela viu um elefante grande, alto e impetuoso. Tinha dois pares de presas. A cor do elefante era branca e a sua brancura era superior à cor do mármore. Era um elefante auspicioso e era dotado de todas as marcas desejáveis da excelência.

Este sonho indica que o seu filho vai guiar a carruagem espiritual e salvar seres humanos da miséria, ganância e atração da vida.

Touro

O segundo sonho que a Rainha Trishala teve foi o de um touro. A cor do touro também era branca, mas era mais brilhante do que os lótus brancos. Brilhava de beleza e irradiava uma luz ao seu redor. Era nobre, grandioso e tinha um dorso majestoso. Tinha pelos finos, brilhantes e macios no seu corpo. Os seus chifres eram soberbos e pontiagudos.

Este sonho indica que o seu filho será um professor espiritual de grandes ascetas, reis e outras grandes personalidades.

Leão

O terceiro sonho que a Rainha Trishala teve foi o de um magnífico leão. As suas garras eram bonitas e bem posicionadas. O leão tinha uma grande cabeça, bem arredondada, e dentes extremamente afiados. Os seus lábios eram perfeitos, a sua cor era vermelha e os seus olhos eram afiados e brilhantes. A sua cauda era impressionantemente longa e bem feita. A Rainha Trishala viu este leão descendo na sua direção e entrando na sua boca.

Este sonho indica que o seu filho será tão poderoso e forte como um leão. Ele será destemido, todo-poderoso e capaz de governar sobre o mundo.

Deusa Lakshmi

O quarto sonho que a Rainha Trishala teve foi com a Deusa Lakshmi, a Deusa da fortuna, prosperidade e poder. Ela estava sentada no topo da montanha Himalaia. Os seus pés tinham um brilho de tartaruga dourada. Ela tinha dedos delicados e macios. O seu cabelo preto era minúsculo, macio e delicado. Ela usava fileiras de pérolas entrelaçadas com esmeraldas e uma grinalda de ouro. Um par de brincos pendurado sobre os ombros com beleza deslumbrante. Ela segurava um par de lótus brilhantes.

Este sonho indica que o seu filho alcançará uma grande fortuna, poder, prosperidade.

Grinalda de Flores

O quinto sonho que a Rainha Trishala teve foi o de uma grinalda celeste de flores que descia do céu. Ela cheirava a fragrâncias mistas de diferentes flores. Todo o universo estava cheio de fragrâncias. As flores eram brancas e tecidas na grinalda. Elas

floresciam durante todas as diferentes estações. Um enxame de abelhas reunia-se e fazia um zumbido ao redor da região.

Este sonho indica que a fragrância da pregação do seu filho se espalhará por todo o universo.

Lua Cheia

O sexto sonho que a Rainha Trishala teve foi o da lua cheia. Ela apresentou uma visão auspiciosa. A lua estava em plena glória. Despertava os lírios a florescer completamente. Era brilhante como um espelho bem polido. A lua irradiava brancura como um cisne. Inspirava os oceanos a subirem aos céus. A bela lua parecia uma marca de beleza radiante no céu.

Este sonho indica que o seu filho terá uma grande estrutura física e será agradável a todos os seres vivos do universo.

Sol

O sétimo sonho que a Rainha Trishala teve foi o do enorme disco de sol. O sol brilhava e destruía a escuridão. Era vermelho como a chama da floresta. Os lótus floresciam ao seu toque. O sol é a lâmpada do céu e do senhor dos planetas. O sol nasce e punha fim às atividades malignas das criaturas que prosperavam à noite.

Este sonho indica que o ensino do seu filho destruirá raiva, ganância, ego, luxúria, orgulho, etc. da vida das pessoas.

Bandeira Grande

O oitavo sonho que a Rainha Trishala teve foi com uma bandeira muito grande que se agitava num mastro dourado. A bandeira esvoaçava suave e auspiciosamente numa brisa suave. Atraía os olhos de todos. Penas de pavão decoravam a sua coroa. Um leão branco radiante nela estava.

Este sonho indica que o seu filho será grandioso, nobre e um respeitado líder da família.

Urna prateada

O nono sonho que a Rainha Trishala teve foi com uma urna de prata (kalash) cheia de água cristalina. Era um pote magnífico, bonito e brilhante. Brilhava como o ouro e presenciá-lo era uma alegria. Estava enfeitado com cordas de lótus e outras flores. O pote era santo e intocado por qualquer coisa pecaminosa.

Este sonho indica que o seu filho será perfeito em todas as virtudes.

Lago de Lótus

O décimo sonho que a Rainha Trishala teve foi com um lago de lótus (padma-sagar). Milhares de lótus flutuavam no lago que se abriam ao toque dos raios do sol. Os lótus exalavam uma doce fragrância. Havia cardumes de peixes no lago. A sua água brilhava como as chamas do fogo. As folhas de lírio flutuavam na água.

Este sonho indica que o seu filho ajudará a libertar os seres humanos que estão aprisionados no ciclo de nascimento, morte e miséria.

Mar leitoso

O décimo primeiro sonho que a Rainha Trishala teve foi com um mar leitoso. As suas águas expandiam-se em todas as direções, subindo a grandes alturas com movimentos turbulentos. Os ventos sopravam e criavam ondas. Uma grande comoção era criada no mar por enormes animais marinhos. Grandes rios caíam no mar, produzindo enormes redemoinhos.

Este sonho indica que o seu filho vai navegar pela vida num oceano de nascimento, morte e miséria, liderando à Moksha ou libertação.

Avião Celestial

O décimo segundo sonho que a Rainha Trishala teve foi com um avião celeste. O avião tinha oito mil magníficos pilares de ouro cravejados de gemas. O avião estava envolvido por folhas de ouro e grinaldas

de pérolas. Era decorado com fileiras de murais representando touros, cavalos, homens, crocodilos, pássaros, crianças, veados, elefantes, animais selvagens e flores de lótus. O avião ressoava com música celestial. Estava saturado com um aroma intoxicante de fumos de incenso. Era iluminado com uma luz prateada brilhante.

Este sonho indica que todos os Deuses e Deusas no céu respeitarão e saudarão o seu ensinamento espiritual e o obedecerão.

Monte de Pedras Preciosas

O décimo terceiro sonho que a Rainha Trishala teve foi com um grande monte de pedras preciosas, tão alto como o Monte Meru. Havia joias e pedras preciosas de todos os tipos. Essas pedras estavam empilhadas sobre a terra e iluminavam todo o céu.

Este sonho indica que o seu filho terá virtudes e sabedoria infinitas.

Fogo Sem Fumaça

O décimo quarto sonho que a Rainha Trishala teve foi com um fogo sem fumo. O fogo ardia com grande intensidade e emitia um brilho radiante. Grandes quantidades de manteiga e de mel puros eram derramados no Fogo. Ele ardia com inúmeras chamas.

Este sonho indica que a sabedoria de seu filho vai superar a sabedoria de todas as outras pessoas grandiosas.

Depois de ter catorze sonhos maravilhosos, a Rainha Trishala acordou. Os seus sonhos encheram-na de admiração. Ela nunca tinha tido tais sonhos antes. Ela narrou os seus sonhos ao Rei Siddharth.

O Rei chamou os adivinhos para a interpretação dos sonhos e eles disseram unanimemente: “Senhor, sua Alteza será abençoada com um nobre filho. O sonho augura o vasto reino espiritual que a criança deve comandar. Sua Alteza tornar-se-á a Mãe Universal.”



Relevo de mármore no templo Ranakpur Jain.
Creative Commons Attribution-ShareAlike

Após nove meses e catorze dias, a Rainha Trishala entregou um menino. O menino foi nomeado Vardhaman, que significava eternamente crescente.

Imediatamente após o nascimento do príncipe Vardhaman, Indra, o Rei do Céu, chegou com outros deuses e deusas. Ele hipnotizou toda a cidade, incluindo a mãe Trishala e o Rei Siddharth.

Ele levou o bebê Vardhaman ao Monte Meru e deu-lhe banho. Proclamou paz e harmonia recitando Bruhat Shanti durante a primeira cerimônia de banho do recém-nascido Tirthankara.

Após a renúncia e realização do Autoconhecimento Absoluto, o Príncipe Vardhaman tornou-se no Senhor Mahavir, o vigésimo quarto e último Tirthankara da religião Jainista.”

curso



FILOSOFIA PRÁTICA



Conhecer-se a si mesmo

O conhecimento de si mesmo é a chave de todo o conhecimento superior e da compreensão da Natureza; é o primeiro passo na transformação de nós próprios.

No entanto, nem sempre pensamos, sentimos ou agimos como gostaríamos. Temos sentimentos indesejados, alegrias fugazes e relacionamentos complicados.

Uma sábia gestão emocional pode resolver muitos dos nossos problemas, ajudando-nos a conviver com tudo o que nos rodeia.



A harmonia do mundo

Há na natureza uma harmonia com a qual podemos entrar em sintonia.

A sociedade e a harmonia nas relações são construídas por indivíduos conscientes e ativos nessa construção de um mundo melhor.

A filosofia dá-nos pistas sobre como quebrar as correntes da ignorância pessoal, do preconceito e do medo para uma sociedade mais aberta e mais livre.



O sentido da existência

Uma vida com sentido não é algo assim tão distante como se poderia pensar.

Ela está enraizada no exercício das nossas melhores capacidades inatas como a força de vontade, amor e empatia, criatividade, coragem e resiliência, atenção e serviço ao outro.

A prática das virtudes próprias do ser humano confere um sentido a cada um dos nossos actos e integra-nos com o caminho da humanidade.



**PANDAVA É UMA REVISTA
INTEIRAMENTE REALIZADA
POR VOLUNTÁRIOS DA
NOVA ACRÓPOLE DE PORTUGAL**

WWW.NOVA-ACROPOLE.PT